



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS ANANINDEUA
FAHIST - FACULDADE DE HISTÓRIA

ELBER LEVY TEIXEIRA SOARES

**MEMÓRIAS DA CEIA DO SENHOR: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS
ALIMENTARES NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM ANANINDEUA-PARÁ**

Ananindeua – Pará

2023

ELBER LEVY TEIXEIRA SOARES

**MEMÓRIAS DA CEIA DO SENHOR: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS
ALIMENTARES NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM ANANINDEUA-PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de História da Universidade Federal do
Pará – Campus Ananindeua, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Professora Dra. Sidiana da Consolação
Ferreira de Macêdo

Ananindeua – Pará

2023

ELBER LEVY TEIXEIRA SOARES

**MEMÓRIAS DA CEIA DO SENHOR: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS
ALIMENTARES NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM ANANINDEUA-PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Professora Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo

Data da aprovação: 7 de dezembro de 2023

Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo

Orientadora

Universidade Federal do Pará (UFPA) - *Campus Ananindeua*

Prof. Dr. Maxwell Pinheiro Fajardo

Examinador externo

Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus (FABAD)

Prof. Pós-doutor Miguel de Nazaré Brito Picanço

Examinador externo

Pesquisador membro do Grupo de Pesquisa em História da Alimentação e Abastecimento na Amazônia/CNPq (ALERE) e Secretária de Educação do Estado do Pará (SEDUC).

Ananindeua – Pará

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pois é o único que é digno de glória, honra e o poder (Apocalipse 4.11). Foi Ele que realizou meu sonho de criança e uma promessa feita por Ele em 2018 disse que “ia realizar o sonho e pegar o canudo de diploma almejado”, e aconteceu no tempo certo, oportunizando em ingressar no curso de História na maior universidade pública do Norte do Brasil e reconhecida internacionalmente, ao mesmo tempo, me deu sabedoria para concluir a graduação, nunca deixou faltar nada e permitiu experiências boas e doloridas para o aprendizado pessoal que estou levando para vida pessoal e intelectual.

Aos meus pais Ester e Eliezer e meus irmãos Elias, Ellen e Eloá por estarem comigo e apoiarem neste período de graduação, amo vocês! Meus tios(as), primos(as) e toda minha família, seja parte de pai ou mãe, pelo apoio direto e indiretamente.

Devo destacar três familiares na trajetória de vida: minha tia Nilce por ser sido a primeira da família em ingressar numa universidade pública e tornou-se uma referência e inspiração em busca do meu sonho; e aos meus avós Ana Teixeira e Manoel Teixeira, pelos conselhos, conversas, incentivos, almoços ou cafezinhos das tardes no momento que estava estudando ou trabalhando na Iniciação Científica e ajudaram grandemente no meu maior sonho de graduação: minha viagem a São Luiz-Maranhão para o Simpósio Nacional de História em 2023.

Aos meus amigos(as) do ensino fundamental e do médio para vida, igreja, ministério infantil, professores e particulares (não citarei nomes, para não esquecer de nenhum), devo ser grato pelo apoio, conversas, orações e o carinho que tiveram por mim e motivaram a seguir em frente no que acredito. Não devo esquecer dos amigos(as) e companheiros(as) de graduação que tiveram comigo ao meu lado, nesses mais de quatro anos na FAHIS-UFPA, privilégio em conhecer cada um de vocês e ter conquistado a amizade, obrigado pelas conversas, brincadeiras, aguentarem meus memes aos desabafos, por cada ajuda e motivações, fazendo a graduação mais leve e superando os desafios com unidade do grupo.

Aos gestores, docentes e funcionários do CMREI Gunnar Vingren, onde tive o privilégio em ser acolhido e trabalhar com vocês nesta instituição em 2023, aprendi sobre o que é amar na prática à docência, a importância da educação inclusiva e ensinar os pequenos da Educação Infantil e feito diversos laços de amizade quanto me incentivaram e apoiaram nos meus objetivos acadêmicos. E aos meus alunos, tanto da Escola Bíblica Dominical (EBD), teologia infantil, os “gatinhos de telhado” do maternal, “bacuris” do pré II, “ricos” do pré I da creche em 2023 e no ensino básico pelas alegrias e foram uma das minhas motivações para prosseguir.

Gratidão ao meu Pastor Jaime Fernandes Pires e sua esposa irmã Mariluce Pires, por me aconselharem, conselhos, orações, suporte espiritual e acreditar na minha pesquisa, principalmente, me incentivaram e autorizaram o acesso a documentação institucional da minha amada igreja para a pesquisa. Também aos servidores da ADCIN, em especial ao irmão Cleber, Pr. Pedro Nascimento, Pr. Pinto, Sarana, Júnior pelo suporte nas semanas que tive na secretária trabalhando na coleta e catalogação documental e não devo esquecer da teóloga Letícia Gabrielli pelas nossas conversas sobre o tema, sugestões, troca de ideias para aprimorar a pesquisa.

Destaco algumas pessoas que apareceram na trajetória da pesquisa: o professor Mário Santana, pela disponibilização de fontes, leituras para o aprofundamento e dados do blog “Memória das ADs”; aos diversos irmãos em Cristo que me ajudaram na pesquisa, oraram, abençoaram e doaram seus relatos de experiência (entrevista) como fonte histórica.

Agradeço a Universidade Federal do Pará, carinhosamente a “mamãe UFPA”, pelo ensino de qualidade e oportunidades acadêmicas, representando a instituição pública (mesmo com cortes do orçamento na educação pelos diversos governos populistas e outros convincente com a mentira, corrupção e patrimonialismo). Aos docentes da graduação pelos

ensinamentos que foram essenciais para minha formação como historiador e docente; também aos bibliotecários, técnicos e funcionários da UFPA pelo suporte necessário nos anos que estive na graduação, onde foram necessários em tudo. E ao grupo de pesquisa ALERE, onde tenho um carinho grande, me possibilitou o crescimento intelectual e amadurecimento acadêmico, ao mesmo tempo, fiz amizades e parcerias com diversos pesquisadores das Ciências Humanas da alimentação.

Por último, aos meus orientadores e professores: Sidiana Macêdo, foi a primeira professora que conheci na graduação, ganhou minha admiração/ amizade (e marcou na memória o voto de confiança que a senhora me deu no colóquio do ALERE em 2019, mesmo não me conhecendo naquele contexto) e foi a profissional que despertou em olhar as conjecturas sócio-históricas, mediante a História da Alimentação quanto ajudou com diversas oportunidades acadêmicas até chegar no Trabalho de Conclusão de Curso. E ao professor Maxwell Fajardo, onde conheci em 2022, numa viagem de férias a cidade de São Paulo e ganhou a minha confiança na primeira oportunidade, possibilitando o desafio de auxiliar na mentoria da pesquisa quanto orientação particular, tenho gratidão pela sua vida nesses meses de trabalhos.

RESUMO

Nesse presente trabalho, busca investigar sobre o rito da Ceia do Senhor numa igreja evangélica Assembleia de Deus (AD) no bairro da Cidade Nova, em Ananindeua-Pará, entre a década de 1980-90 e meados de 2020, período de intensas mudanças comportamentais na sociedade brasileira e principalmente no meio assembleiano. Possui como objetivo central, analisar a celebração da Ceia do Senhor na Assembleia de Deus em Ananindeua, considerando os alimentos representados aos sujeitos envolvidos nas práticas de preparo e a celebração do culto religioso, tendo consideração a Memória Coletiva construída dos assembleianos que viveram a partir dos anos 80. Podendo relacionar as permanências históricas sobre o rito na antiguidade, reforma protestante e ao contexto da pandemia de COVID-19, percebendo os impactos, em meio as doutrinas bíblicas e os valores assembleianos perante a mesa sagrada na nova geração. Dessa forma, a pesquisa será amparada em produção bibliográfica historiográfica, documentos impressos e entrevistas com os sujeitos mais antigos, intelectuais e membros do corpo eclesiástico, conseqüentemente, elaboração de análises e interpretações em torno da Ceia do Senhor.

Palavras-chave: Assembléia de Deus; rito; História da Alimentação; COVID-19.

ABSTRACT

In this present work, we seek to investigate the rite of the Lord's Supper in an evangelical church Assembly of God (AD) in the Cidade Nova neighborhood, in Ananindeua-Pará, between the 1980s and 1990s, a period of intense behavioral changes in Brazilian society and especially in the assembly environment. Its central objective is to analyze the celebration of the Lord's Supper in Assembly of God in Ananindeua, considering the foods represented to the subjects involved in the preparation practices and the celebration of religious worship, taking into account the Collective Memory constructed of the assembly members who lived from the 80s onwards. Being able to relate the historical permanences on the rite, from the Protestant reform to the context of the pandemic of COVID-19, understanding the impacts, amid biblical doctrines and values assemblymen before the sacred table in the new generation. In this way, the research will be supported by historiographical bibliographical production, printed documents and interviews with the oldest subjects, intellectuals and members of the ecclesiastical body, consequently, elaborating analyzes and interpretations around the Lord's Supper.

Keywords: Assembly of God; ritual; Food History; COVID-19.

“Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” - Romanos 11:33-36.

LISTA DE ABREVIATURAS

ADs	Assembleias de Deus
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
ADCIN	Assembleia de Deus Campo da Cidade Nova
COMIEADEPA	Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
MP	Jornal Mensageiro da Paz
a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo

LISTA DE DIAGRAMAS

DIAGRAMA 1 – Hierarquia para a celebração da ceia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
RESUMO HISTÓRICO SOBRE A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL	16
1. CEIA DO SENHOR: ANÁLISE HISTÓRICA E DOUTRINÁRIA	18
1.1. Festas na antiguidade e a instituição da Ceia do Senhor	19
1.2. Posicionamentos dos intelectuais e reformadores do século XVI sobre a Ceia do Senhor e seus elementos.....	24
1.3. Posicionamento das Assembleias de Deus sobre a ceia	31
2. SIGNIFICADO DOS OBJETOS E A MESA: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SAGRADAS SOBRE A CEIA DO SENHOR ASSEMBLEIANA	40
2.1. O significado da celebração e dos elementos	44
2.2. Hierarquia na celebração religiosa	48
2.3. Recomendações, cuidados dos alimentos e participação perante o sagrado	51
3. AS MEMÓRIAS COLETIVAS DA CEIA DO SENHOR E A PANDEMIA DA COVID-19, PERMANÊNCIAS E REFLEXOS ALIMENTARES	59
3.1. O culto na pandemia e a memória coletiva	61
3.2. Aggiornamento pentecostal e os hábitos perante a memória da mesa do Senhor.....	66
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
5. FONTES	73
6. FONTES ORAIS	73
7. SITES	73
8. REFERÊNCIAS	74
9. ANEXOS	77
10. APÊNDICES	81

INTRODUÇÃO

De acordo com o historiador Edward Carr, “a função do historiador não é amar o passado ou emancipar-se do passado, mas dominá-lo e entendê-lo como a chave para a compreensão do presente”.¹ O pesquisador não pode amar ou se livrar do passado, pois necessariamente utiliza-se do passado para entender determinados comportamentos, linguagens, significados, hábitos e práticas que permanecem na atualidade. Nessa pesquisa, será analisado como objeto o rito da celebração da Ceia do Senhor, e o modo como foi celebrado na denominação religiosa Assembleia de Deus da Cidade Nova (AD), na cidade de Ananindeua, a partir da década 1980.²

Na construção do projeto de TCC e no decorrer dos trabalhos de campo, percebi a importância da Ceia do Senhor para além da celebração ou mero objeto de consumo alimentar momentâneo. Considero como um objeto de estudo histórico eficiente para a compreensão das mais diversas práticas e representações quanto as memórias coletivas, diante da tradição religiosa e o campo da comensalidade.

Nesse objeto histórico e diversificado, podem ser relacionados dois campos de pesquisa para investigação historiográfica que é a história das religiões e da alimentação, ambas possuem relações diretas. Pois, “a história dos alimentos, portanto, imbrica com a história das religiões”, onde remetem “às origens reais e simbólicas de todas as civilizações humanas”.³ A ênfase maior neste trabalho é a alimentação, pois, quando estudamos a alimentação dentro das fronteiras religiosas, diversas regras e dietas são determinadas pela doutrina que seguem.⁴ Ao mesmo tempo, por meio do rito, proporciona uma “ampliação do conhecimento e do avanço científico sobre suas práticas litúrgicas, ritualísticas e sobre a religiosidade”.⁵ Relacionando aos dois campos, diversifica os estudos com outras áreas de

¹ CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 61.

² O trabalho de campo, foi desenvolvido nos arquivos da instituição religiosa Assembleia de Deus Ministério da Cidade Nova, onde possui mais de 70 congregações nos bairros da Cidade Nova, Icuí e 40 horas. Dentro dessa instituição, foi acessado o arquivo da “secretária geral” do templo sede (conhecida como Templo Central ou igreja da SN3), podendo fazer a coleta de documentações institucionais como: atas de cultos, inventários, normas, resoluções, estatutos doutrinários e entre outros documentos. Ao mesmo tempo, foi feita a entrevista com membros, congregados, pastores e intelectuais do ministério. Localização da igreja e arquivo religioso: <https://g.co/kgs/e7rnbS>.

³ CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*, 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. Pp. 70.

⁴ SOUZA, Patrícia Rodrigues de. *Religião e comida: como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do homem*. 2014. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1924/1/Patricia%20Rodrigues%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023. Pp. 1.

⁵ SILVA, Alexandre Mendonça da. *A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito símbolo e produção de sentidos*, 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João

conhecimento, englobando tanto áreas antropológicas, históricas, campo das ciências sociais quanto teológicas, sempre relacionando a perspectiva alimentar e religiosa.

Pois, ao estudar sobre a Ceia do Senhor, é também possível estudar a história da alimentação relacionando ao campo das religiões, onde o objeto, possui diversas representações, simbologias, práticas particulares e memórias, tanto coletivas quanto individuais, relacionadas à interpretação dos ensinamentos de Jesus Cristo e baseadas na Bíblia Sagrada, voltado a liturgia da ceia e rememoração a morte de Cristo. Sendo assim, é considerada um entendimento da ritualística alimentar e prática histórica do Cristianismo, como uma lembrança do corpo de Jesus Cristo.

Outrossim, nesse objeto existe questionamentos dos sujeitos assembleianos idosos e líderes eclesiásticos antigos, que relatam em seus discursos, em rodas de conversas e nos momentos de ensino nos templos, afirmações de que “*houve mudanças nos comportamentos*”, “*no meu tempo, não tinha esses comportamentos na Ceia*”, “*não era qualquer pessoa que poderia participar... Somente os membros da congregação*”, entre outros discursos,⁶ fazendo-nos elaborar duas problemáticas centrais em nossa pesquisa.

A primeira problemática é como os líderes eclesiásticos, membros antigos e intelectuais da denominação religiosa assembleiana, entendem e observam a celebração diante dos ensinamentos estabelecidos bíblicamente, relacionando as experiências particulares a partir da década de 80. Logo, demonstra-se uma existência de representações dos comportamentos e hábitos perante a mesa, conforme os ensinamentos bíblicos, interpretações particulares conforme a tradição da instituição centenária e experiências das diversas religiões e (especificamente do catolicismo, onde diversos foram seguidores e passaram a ser assembleianos), conseqüentemente, o respeito perante a mesa, desde o preparo, participação e o pós-celebração.

E a segunda problemática, sobre a pandemia da COVID-19 em 2020 que forçou mudanças comportamentais dos rituais da Ceia do Senhor se comparada aos ritos das décadas de 1980 a 1990, apresentando diversas modificações comportamentais e hábitos perante a mesa alimentar sagrada no contexto pandêmico, onde apresentou com a evidência um “*aggiornamento pentecostal*”. Fazendo relacionar com a atualidade, os comportamentos

Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7871?locale=pt_BR. Acesso em: 07 Ago. 2023. p. 22.

⁶ Discursos corriqueiros proferidos por diversos sujeitos, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023, durante conversas que tive com o pastor presidente e no levantamento com os responsáveis dos arquivos da ADCIN Cidade Nova, para a liberação do acervo religioso.

modificados no contexto da pandemia de COVID-19, perante o alimento e o sagrado, mesmo com a memória coletiva, ensinamentos, tradição construída ao longo dos anos.

No presente trabalho de conclusão de curso, pretendemos como objetivo central analisar a celebração da Ceia do Senhor na AD em Ananindeua, considerando os alimentos representados aos sujeitos envolvidos nas práticas de preparo e a celebração do culto religioso, tendo consideração a Memória Coletiva construída dos assembleianos que viveram a partir dos anos 80.

Outrossim, para o direcionamento teórico nos trabalhos de campo ao desenvolvimento neste presente texto, parto para os conceitos do campo da História Cultural, elaborado pelo Historiador Roger Chartier, especificamente, os objetos de prática e representação, pertencente ao campo cultural, fazendo compreender como a relação do sujeito e o modo em lugares diferentes em determinadas realidades sociais é construída e pensada.⁷ Como também, utilizei o conceito de Memória Coletiva proposto por Maurice Halbwachs, descrito como a invocação do seu próprio passado, na qual, é necessário recorrer às lembranças dos outros e transportá-las para outros pontos de referências, determinados pela sociedade.⁸

No decorrer da pesquisa, utilizarei alguns referenciais teóricos para relacionar os dois conceitos históricos direcionadores dos trabalhos. Como exemplo, os três conceitos e ideias auxiliares: o conceito de “*aggiornamento* do pentecostalismo”,⁹ utilizado pelo historiador Moab Costa, que foca diretamente na modernização burocrática, atualização e a acomodação de comportamentos, onde não abandona completamente a tradição pentecostal, contudo, é adequada para atender a sociedade capitalista e aumentar a visibilidade das igrejas assembleianas no meio social e pentecostal.¹⁰

O segundo conceito é “tradição inventada” cunhado por Eric Hobsbawm, significa a ideia de

um conjunto de práticas, normalmente regulamente por regras tática ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual simbólica, visam

⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1990.

⁸ Ver em: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2017. p. 72.

⁹ Termo “aggiornamento” é um termo italiano significa “atualização”. Esse termo foi significado pelo Papa João XXIII, numa palavra de orientação do Concílio Vaticano I, entre 1962-65, estabelecendo que a igreja voltasse a crescer e mantivesse a homogenia no campo religioso. Ver em: SERGIO, Mario. *O Aggiornamento do Pentecostalismo*. Memórias das Assembleias de Deus, 2018. Disponível em: <https://marioserghiostoria.blogspot.com/2018/02/o-aggiornamento-do-pentecostalismo.html>. Acesso em: 12 nov. 2023.

¹⁰ COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. 2º ed., São Paulo: Editora Recriar, 2020.

inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade em relação ao passado.¹¹

Trazendo a ideia do historiador para o meio assembleiano, diversos costumes, hábitos e comportamentos numa celebração, assumem como uma referência a diversas situações históricas e se estabelecem como próprio passado da fundação.

Por último, o antropólogo Raymundo Heraldo Maués, traz a ideia de trabalho metodológico para pesquisa em história e religião, onde compreende a relação de complexidade entre os sacerdotes e leigos do catolicismo (também pode ser utilizado como “não especialistas do sagrado), percebendo as crenças, representações e as práticas religiosas.¹² Dessa forma, usarei os termos “sacerdotes” e “leigos” /não especialista do sagrado, para classificação dos sujeitos nos trabalhos de História oral, identificando o lugar de fala e a hierarquia.

Como graduado em História, baseado dos pressupostos teórico-metodológico do campo da historiografia, considerando, o meio social da religião, acredito que o estudante deve partir “*da premissa de que a ciência deve fazer sentido – também – pessoal ao pesquisador*”.¹³ Dessa forma, tenho o interesse particular nessa pesquisa de cunho historiográfico diante de contextos pessoais e percepções nos ensinamentos religiosos que instigaram a estudar e investigar o objeto, sem perder a ética do historiador e não esquecendo a relevância para a sociedade,¹⁴ fazendo uma contribuição para os estudos e pesquisas acadêmicas, podendo desenvolver pesquisas interdisciplinares e destacando novas contribuições como referência.

¹¹ HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. 6º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹² MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: CEJUP, 1995.

¹³ SILVA, Marcos Manoel do Nascimento. *Pão e vinho: representação e simbolismo entre os protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais em Paulo Afonso – BA*. Artigo monográfico (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2019. Pp. 5. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/6530>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹⁴ Os evangélicos são considerados o grupo religioso que mais cresce numericamente. Conforme o censo de 2010, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a religião Evangélica representa 42.275.440 de brasileiros, equivalente a 13,4% da população, sendo que a denominação assembleiana possuem 12.314.410, o equivalente a 6% da população brasileira. Ao mesmo tempo, o grupo religioso e a denominação assembleiana, estabeleceram durante a sua história, diversas relações políticas, social e imbricamento com a cultura nacional. Ver em: Ver em: Dados coletados no site oficial do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em 20 out. 2022; Atlas do IBGE, Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em: 9 ago. 2023.

Metodologicamente, o trabalho está dividido em três momentos como: bibliográfico, análise documental, aplicação da História Oral (entrevistas) e a interpretação. O primeiro momento é o balanço bibliográfico, correspondendo as pesquisas publicadas e obras de referência historiográfica e interdisciplinar realizados, para extrair quantidade de informações dos textos,

prestando atenção dos conteúdos, mas também em outros aspectos, normalmente negligenciados, que contribuem para compreender a obra e para estabelecer aproximação/distanciamento entre os autores e linhas interpretativas, passo importante para a discussão bibliográfica e a tomada de posição diante do saber acumulado acerca do tema investigado.¹⁵

Podendo partir do meu lugar de fala, como cristão assembleiano e criado na religião evangélica protestante desde o berço, me dispus a pesquisar os aspectos e compreender a celebração da Ceia do Senhor pelo olhar do seguimento evangélico assembleiano e dos membros da ADs, acreditando que ao historiador é responsável em levantar hipóteses no lugar relacionando de um sujeito individual com seu *objeto*, onde são organizados as ideias da sociedade, *o discurso ideológico* e as ideias que nela circulam, mesmo sendo *pertencente ao lugar*, descreve os *assuntos públicos e religiosos*, partindo do padrões e regras da escrita da história e do *lugar “científico”*.¹⁶

O segundo momento será o da análise documental, para fazer o levantamento de fontes históricas e análises nos arquivos religiosos da AD Cidade Nova e acervos particulares no município de Ananindeua/PA. Destaco a ideia da Maria Bassanezi, de que as igrejas possuem “um caráter serial e cronológico nas documentações, além de sua qualidade dupla de serem, ao mesmo tempo, uma documentação individual e coletiva”.¹⁷ Nesses espaços, há uma infinidade de documentações históricas cronológicas e organizadas de forma serial, tendo documentações pessoais, institucionais, dados financeiros e entre outros. Contudo, essas documentações são restritas para os fiéis, por serem de cunho administrativo, e ao mesmo tempo, são ricas de informações históricas. Em meio às dificuldades, como membro e professor de ensino da igreja, tive a responsabilidade ao acessar as documentações, obedecendo os critérios em acordo com o pastor presidente e responsáveis da guarda documental.

¹⁵ LUCA, Tania Regina de. *Práticas de Pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 77.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 59-61.

¹⁷ BASSANEZI, Maria. Registros paróquias e civis: os eventos vitais na reconstrução da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. 1. Ed., 5^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017. p. 146.

O terceiro momento foi a investigação histórica, conhecida como História Oral. No primeiro momento, foram aplicados questionários, com foco de coleta de entendimentos e estudos mais amplos sobre mudança social, ao ponto do estabelecimento para a preparação de perguntas mais particularmente cuidadosas, que servirão para localizar e definir problemas para resolvê-los,¹⁸ na qual, foram fundamentais para a elaboração do roteiro de entrevista geral e individual. A segunda etapa, foi o desenvolvimento das entrevistas com cinco sujeitos da Assembleia de Deus Campo da Cidade Nova, utilizando de ferramentas eletrônicas de captação de voz e caderno de anotação para escrever os detalhes dos entrevistados da instituição religiosa, com a objetividade de ampliar a consciência histórica, e aprender com os que já passaram por experiências semelhantes, sendo uma forma de reforçar e legitimar a identidade de grupos comumente marginalizados.¹⁹

A monografia, contém um resumo histórico institucional e três capítulos para a discussão do tema, relacionando os objetivos específicos que foram propostos nos trabalhos de pesquisa, desde a abordagem histórica-teórica à descrição da Ceia no presente.

O primeiro capítulo é referente a “Ceia do Senhor: análise histórica e doutrinária nas ADs”, voltado para analisar o objeto, a partir das referências bíblicas, das teorias dos reformadores da Reforma Protestante no século XVI (anterior a fundação da AD) que foram base do rito ao tempo presente, destacando uma abordagem histórica. No segundo capítulo, “Significado dos objetos e a mesa: representações e práticas sagradas sobre a Ceia do Senhor assembleiana”, busca-se compreender as representações e práticas perante os alimentos e diversos símbolos da ceia, destacando os comportamentos dos sujeitos que viveram na celebração a partir dos anos 1980, dentro do contexto da consolidação da tradição assembleiana. E o terceiro capítulo, “As memórias coletivas da Ceia do Senhor e a pandemia da COVID-19, permanências e reflexos alimentares” é a continuidade dos resultados das entrevistas, contudo, fazendo um comparativo dos comportamentos das décadas 1980 e 1990 com a pandemia, para perceber os comportamentos modificados dentro de uma memória coletiva. Mesmo com os ensinamentos conservadores perante a celebração religiosa-alimentar, a pandemia só trouxe à tona o que havia construído em virtude de um *aggiornamento* para atender a sociedade capitalista.

¹⁸ Ver em: THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹⁹ Ver em: ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 3.ed., 6º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

RESUMO HISTÓRICO SOBRE A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A Igreja Assembleia de Deus no Brasil foi fundada em 1911, na cidade de Belém do Pará, através dos jovens Daniel Berg e Gunnar Vingren - missionários suecos da denominação Batista. Os jovens saíram da Suécia em 1910 e foram para os Estados Unidos, em busca de melhores condições de vida e formação teológica, e nesse contexto, o país experimentou o crescimento do pentecostalismo e os jovens foram para Chicago e conheceram o Adolfo Ulldin, onde receberam o “chamado” para ir a Belém do Pará pregar o evangelho sem a intenção de fundar uma nova igreja.²⁰

“Ambos eram batizados no Espírito Santo e Gunnar já havia sido pastor nos Estados Unidos e havia se instalado na Igreja Batista em Belém, ao qual seria pastor, já que a igreja se encontrava sem líder”.²¹ Começou a caminhada para início do movimento pentecostal na Amazônia. As primeiras reuniões aconteceram na casa da irmã Celina Albuquerque, membra da igreja batista, onde “foi curada de uma enfermidade nos lábios pela oração de Gunnar Vingren em um dos cultos de oração na casa dela. Então, ela começou a buscar o batismo no Espírito Santo e o recebeu a uma hora da madrugada do dia 8 de junho de 1911”.²²

Demonstrando nesses fatos, o movimento pentecostal estava em constante crescimento e, segundo a história oficial assembleiana, Celina é a primeira mulher brasileira batizada no Espírito e convertida ao movimento pentecostal no Estado do Pará. O movimento, conseqüentemente, começou a chamar a atenção de diversas pessoas da Igreja Batista.

A direção da Igreja Batista de Belém soube dos acontecimentos envolvendo os cultos na casa da irmã. Os pastores mobilizaram uma reunião extraordinária no dia 13 de junho de 1911, levando a convocação da membresia, ocasionando no primeiro momento a exclusão de treze pessoas juntamente com os missionários, pois estavam favoráveis a doutrina pentecostal.²³ Alguns dias depois, quatro irmãos frequentadores nos cultos na casa da Albuquerque e mais três membros batista foram expulsos no mês seguinte.

Mediante os acontecimentos, a partir do dia 18 de junho de 1911, começaram ocorrer as reuniões na casa do casal Celina e Henrique Albuquerque, localizada na Rua Siqueira

²⁰ Ver em: ARAUJO, Isael de. História do movimento pentecostal no Brasil: O caminho do Pentecostalismo Brasileiro até os dias de hoje. 1º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. 2º ed. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

²¹ OLIVEIRA, Isabela Costa de. *Frida Vingren – a pioneira silenciada: uma análise do ministério eclesial feminino nas Assembleias de Deus no Brasil na primeira metade do Século XX*. Orientadora: Rosinda da Silva Miranda. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2022. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/3794>. Acesso em: 10 ago. 2023. p. 16.

²² Araújo, 2016, p. 39.

²³ *Idem.*, 2016.

Mendes, 67 (bairro da Cidade Velha, zona central de Belem-Pará), na qual, os membros expulsos designaram de forma unânime o nome de Missão de Fé Apostólica no primeiro momento de fundação, inspirado nos movimentos norte-americanos da Rua Azusa em Los Angeles.

No decorrer dos anos, especificamente em 1918, o termo Missão Apostólica de Fé foi alterado para “Sociedade Evangélica Assembléa de Deus” declarando como uma associação oficializada em cartório e “administrada pelos missionários GUNNAR VINGREN, DANIEL BERG, ilimitadamente, outros sócios adeptos ao mesmo culto que a ela queiram pertencer e que venham empregar as suas atividades”.²⁴ Para Ivar Vingren, o Brasil é considerado, nesse contexto, como uma continuidade dos movimentos pentecostais, chegando “o momento de registrar a Igreja” como instituição jurídica, fazendo em 11 de janeiro de 1918, o registro “oficialmente como o nome de “Assembléa de Deus”.²⁵

²⁴ Estatuto foram publicados: DOE - Diário Oficial do Estado do Pará, n° 7665, Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1° ofício, Belém, livro A, n° 2, número de ordem 21.230, Araújo, 2016, p. 42.

²⁵ VINGREN, Ivar. *O Diário do Pioneiro: Gunnar Vingren*. 5ª edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 104.

1. CEIA DO SENHOR: ANÁLISE HISTÓRICA E DOUTRINÁRIA

O texto bíblico de Mateus 26.26-28,²⁶ é o acontecimento registrado na Bíblia Sagrada, onde é relatado um dos momentos emblemáticos antes da condenação e crucificação de Jesus que é o momento da refeição com os discípulos assentados na mesa, instituindo a Ceia do Senhor (conhecida publicamente como Santa Ceia ou Eucaristia), como um dos sacramentos significativos dentro da tradição cristã. Esse sacramento, traz uma representação direta para a memória coletiva cristã, ao referir, os últimos da vida de Jesus e a relembração do povo hebreu no Egito Antigo, ao passar pela opressão de Faraó Ramsés II e os fatos sobrenaturais relatados na bíblia, conhecida como as dez pragas, na qual, após a saída do Egito, principalmente, uma relação com as *festas solenes, das cerimônias* que nelas existem funcionalidades dos sacerdotes e hábitos e a *santidade do templo, sem nada deturpar ou acrescentar* nas celebrações.²⁷

Nessa celebração, segundo o cientista da religião Alexandre Mendonça da Silva compreende que o rito da Ceia, o indivíduo é identificado com a mensagem da morte de Jesus Cristo e a Santa Ceia faz associar o cristão com a missão de Cristo, onde segundo os protestantes históricos entendem que Ele morreu para que os seus seguidores tenham a vida eterna.²⁸ Mediante a figura de Jesus e sua memória da morte, relacionando a refeição pascal no Egito, foi possível ser feito uma recriação ou ressignificado a mera alimentação habitual popular para um significado espiritual e sociabilidade para a religião cristã.

Na antiguidade grega e romana, existia um sacrifício regulamentador de consumo carnívoro, haviam atribuído um “modelo de alimentação civilizada” relacionando a *trindade do pão, vinho e o óleo de oliva*, fazendo com que o Cristianismo incorpore essa tradição clássica constituindo das representações da divindade em adotar nas liturgias, *o pão como o corpo de Cristo, o vinho como o seu sangue e o óleo como a unção sagrada*.²⁹ Dessa forma, os alimentos possuem uma forte representação religiosa e significados, para além da

²⁶ “E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados” - Mateus 26. 26-28 (tradução Almeida Corrigida e Fiel).

²⁷ Ver em: JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém*. 8º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 15.

²⁸ SILVA, Alexandre Mendonça da. *A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito símbolo e produção de sentidos*, 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7871?locale=pt_BR. Acesso em: 07 Ago. 2023.

²⁹ CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. 7º reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 105. E-book.

saciedade no estomago humano, pois relaciona aos elementos constituídos incorporações de hábitos de outros povos e posicionamentos religiosos para a afirmação das ideias conforme os dogmas e doutrinas construídas.

Podemos utilizar essas reflexões acima, relacionando ao fato histórico da Reforma Protestante no século XVI, conhecida pelo contexto das indulgências, crise moral na Igreja Católica, 95 teses elaboradas pelo Lutero e principalmente pelos embates teológicos dos intelectuais e reformadores em diversos assuntos, especificamente sobre a salvação e a eucaristia. Esse contexto, foi marcado pelos debates e desacordos sobre o rito, onde os teólogos e pensadores cristãos, começaram a posicionar seus argumentos favoráveis e contrários aos pontos de vista, referente as confissões das igrejas católica, luterana e reformada em que foram definidas os dogmas e doutrinas.³⁰ Os intelectuais construíram debates fundamentados na Bíblia e fontes escritas de outros teóricos anteriores a reforma, onde difundiu ideias sobre os sacramentos constituídos por Jesus, especificamente a Ceia do Senhor, sendo alvo de estudos e controvérsias entre os sujeitos envolvidos nesses debates que foram considerados longos, gerando conflitos entre os adeptos do movimento reformista.

Assim, neste capítulo, privilegiarei em trazer uma abordagem mais histórica da Ceia do Senhor, trazendo os pontos centrais de debates sobre os fatos históricos-bíblicos antecessores que constituiu a instituição da Ceia, também os posicionamentos dos reformadores e intelectuais da Reforma no século XVI e destacando a contemporaneidade dentro das ADs. Sendo assim, o ponto central do capítulo é analisar o objeto, mediante as referências bíblicas, trazendo os posicionamentos durante a Reforma Protestante, destacando os diversos significados ritualísticos e aspectos históricos culturais constituídos na história do cristianismo que, conseqüentemente, foram adequados nas ADs no presente.

1.1. Festas na antiguidade e a instituição da Ceia do Senhor

Existem diversas passagens bíblicas relacionadas com fatos históricos, que podemos sintetizar, onde os hebreus/ israelitas celebravam determinadas vitórias quanto comemoravam mediante festas para Deus, acompanhados de refeições, danças e entre outros comportamentos culturais, como justificativa para celebração da Páscoa na antiguidade e na vivência de Jesus, quando foi celebrada a última ceia com os discípulos, tornando-se a ordenança de lembrança.

³⁰ MATHISON, Keith A. A Ceia do Senhor. In: BARRETT, Matthew. *Teologia da Reforma*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 813.

Conforme a antropóloga britânica Mary Douglas, estabelece que os fundamentos sobre as festas e diversos comportamentos, foram escolhidos alguns elementos estrangeiros, para a ordenação da cultura e compatível para a fundação das relações sociais.³¹ Demonstrando, que diversos costumes dos judeus, dentro da história de Israel, foram construídos diversas relações entre os sujeitos migrantes, escravocratas, exilados, monarquistas, exilados e entre outros povos, tiveram as experiências para a construção da identidade israelita.³²

Podemos começar com a Ceia Pascal no Pentateuco,³³ considerada “uma festa pré-israelita”, celebrada na primavera relacionando a “uma esplendida intervenção de Deus, a libertação do Egito, a qual marcou o início da história de Israel como povo, e povo eleito de Deus, e se concluiu com a sua instalação na Terra Prometida”.³⁴ O termo Páscoa é originado do aramaico *Pashã*, traduzido no hebraico como *pesách*, significa “passagem, ‘saltar’ ou ‘passar por cima’”, relaciona a passagem de Deus na terra do Egito. No primeiro momento, a ideia de Páscoa judaica, tinha a ideia de caráter familiar e no decorrer das referências bíblicas foram ressignificadas. Enfatizando a importância de “uma refeição em família, e segundo os costumes judaicos, a cerimônia, o rito Pascal, era administrado pelo chefe da família”.³⁵

Ganhou outro significado, após a morte dos primogênitos conhecida como a última das dez pragas descrita em Êxodo 12.12.³⁶ Podemos considerar esse momento ocorrido no Egito Antigo, como um novo estabelecimento da ceia pascal (por volta de 1705 e 1941 a.C) para uma nova “experiência viva, fundadora e concreta do povo de Israel com Deus”, pois é a “recordação constante das maravilhas de Deus em favor daqueles que Ele escolheu para fazer

³¹ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 40.

³² Para saber mais sobre a formação dos costumes dos judeus, as leituras do historiador e teólogo André Daniel Reinke (2020; 2021), possibilitam o debate relacionando as fontes bibliográfica, arqueológica e antropológica, sobre a história da formação dos povos israelita e dos diversos povos da antiguidade que cresceram e se desenvolveram no âmbito cultural, econômico e político. REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019; REINKE, André Daniel. *Aqueles da Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

³³ As referências bíblicas utilizadas para justificar a Páscoa no Pentateuco são: o livro de Êxodo 12; Levítico 23.4-8; Números 28.16-25, e Deuteronômio 16.1-8.

³⁴ De Vaux apud Di Sante, 2004, p. 217. DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festa*. São Paulo: Paulus, 2004.

³⁵ SILVA, Alexandre Mendonça da. *A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito símbolo e produção de sentidos*, 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7871?locale=pt_BR. Acesso em: 15 jun. 2023. p. 59.

³⁶ “naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor” (Nova Versão Internacional).

parte do seu plano de salvação”.³⁷ Mediante a celebração, esta marcou a história do povo hebreu como a maior festa, originada de uma festa agrícola, levando a consolidação ritualística em lembrança da libertação do jugo de Faraó e das terras egípcias, gerando aos hebreus uma nova esperança messiânica de um novo êxodo e o enviado de Deus (*Iahweh*) que virá implantar um reino de paz e justiça na terra.

Outrossim, o reino de Josias³⁸ considerado importante rei de Judá, em 623 a.C., determinou diversas reformas para colocar em ordem o reino de Judá, conhecida como a reforma deuteronomica, com a finalidade de levar o povo a buscar o arrependimento das práticas consideradas erradas perante o Livro da Lei (provavelmente eram partes do Pentateuco, encontrado na reforma do templo por volta de 623 a.C.), gerando impactos culturais e religiosos naquele contexto. O foco dessa reforma foi a destruição dos “objetos culturais mesopotâmicos e outros tipos de idolatria, avançando para além do território judaíta e chegando às regiões centrais do antigo Reino de Israel”, principalmente, a restauração da “festa da Páscoa”.³⁹

Foram instituídas determinações e recomendações ao povo para celebrarem a Páscoa, pelo qual o reino estava numa crise moral, pois, o povo israelita começou a adotar hábitos culturais, divindades e práticas dos povos mesopotâmicos no cotidiano, inclusive o culto aos deuses e a alimentação consagrada aos deuses. As determinações do rei, constituíram a celebração na cidade de Jerusalém, estabelecendo a privação característica familiar e rito de sangue, instituindo depois a autonomia de matar os animais para a sacrifício somente “aos levitas e o antigo rito com o sangue substituído pelo derramamento do sangue ao pé do altar, pelos sacerdotes”.⁴⁰

Para o animal chegar nas mãos dos sacerdotes, baseado no livro bíblico de Levítico,⁴¹ as cerimônias possuem uma noção de santidade e em principal, “os animais oferecidos em sacrifícios não podem ter deformidades”, todas as impurezas e imperfeições, “são

³⁷ FERREIRA, Jonas dos Santos. A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes, 2015, 107f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015, 2015. p. 14.

³⁸ Governou por trinta anos o reino de Judá, entre os anos 640-609 a.C., considerado o segundo rei mais jovem da Israel. Conhecido pelos cristãos e Teólogos, como o “último bom rei de Judá”, descrito em 2 Reis 22.2 por fazer aquilo que “(...) era reto aos olhos do SENHOR, e andou em todo o caminho de Davi, seu pai, sem apartar-se nem para direita e nem para a esquerda”. Destacando como um governante íntegro e justo perante o povo e a Deus.

³⁹ Reinke, 2021, p. 240-241.

⁴⁰ Páscoa (verbetes). In: BORN, A. Van Den (et al). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977, p. 1131.

⁴¹ Para saber mais sobre os animais que devem ser consumidos e as regras, está descrito em Levítico 11 e 22. 19-24.

consideradas poluentes e interdita o acesso ao templo”.⁴² Os sacerdotes ficaram com a responsabilidade em zelar o Templo, para receberem os sacrifícios e os levitas prepararem o altar para a celebração, quanto ambos tiveram a finalidade em preparo e cuidado da carne dos animais como a retirada da pele e borrifar o sangue desses animais específicos.⁴³

O sacrifício e a alimentação, eram fortemente regrados e não poderia ser feito de qualquer forma, deveriam seguir as leis mosaicas, demonstrando de forma prática a fidelidade a Deus. Como exemplo, as carnes que eram oferecidas em sacrifício quanto ao consumo eram provenientes da criação de bois, carneiros e animais domésticos, fazendo parte do complemento na alimentação.⁴⁴ E o sangue dos animais, para os hebreus, representava a vitalidade que deveriam ser derramado no altar em oferenda a Deus e para que uma carne seja consumida é preciso ser extraída a mínima gota de sangue.⁴⁵ Esses métodos, de certa forma alimentar-ritualística, foram seguidos pelo rei e o povo, podendo abranger diretamente no consumo de carne naquele contexto, onde deveriam ser assadas no fogo e extraído na totalidade o sangue animal, retirando a gorduras, antes de cozinhar nas panelas, com todas as partes do animal, para poder o povo consumir.

A Páscoa neste contexto de Josias, parte da perspectiva da restauração moral do povo israelita e celebração de sacrifício a Deus, seguindo as ordenanças constituídas no período do Egito Antigo. Dessa forma, foi lembrado a celebração, desde a época de Samuel (1171-1060 a.C). Os reis estavam voltando às práticas contrárias às de Deus, e Josias refaz novamente as celebrações, reunindo os sacerdotes, levitas e todo povo de Judá e Israel para se reunirem na cidade de Jerusalém, para rememorem os momentos dos antepassados no Egito, e nos tempos de Jesus a celebração foi reatualizada para perspectiva memorialística da sua morte.

O último ponto desse tópico é a instituição da Ceia do Senhor⁴⁶ (conhecida pelas igrejas evangélicas como a Santa Ceia), considerada a inauguração do memorial por Jesus Cristo, que institui a ceia como valor simbólico e memorativo que antecede sua morte. Ocorreu no dia 14 de nisã,⁴⁷ por volta de 33 d.C,⁴⁸ considerado o primeiro dia da Festa dos

⁴² Douglas, 1991, p. 41.

⁴³ Para saber sobre os procedimentos dos cuidados e sacrifícios, estão descritos em 2 Crônicas 35.1-14.

⁴⁴ GIAMMELLARO, Antonella Spanò. Os fenícios e os cartagineses. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 6ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 74.

⁴⁵ SOLER, Jean. As razões da Bíblia: regras alimentares hebraicas. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 6ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 69.

⁴⁶ A referência base é em Mateus 26.17-30, onde é dividida em três momentos: preparação da Páscoa (v. 17-19), última Páscoa de Cristo (v. 20-15) e a instituição da Ceia do Senhor (v. 26-30).

⁴⁷ Primeiro mês do calendário Judaico (trazendo ao contexto atual, entre março-abril), dos doze meses, onde inicia com a colheita da cevada madura ou lua nova. Também utilizada para a “preparação da Páscoa” e

Pães sem Fermento, onde os discípulos se reuniram em volta da mesa, perguntando acerca do preparo da refeição pascal, onde e como seria realizado. Nesse contexto, Jesus e os discípulos estavam na cidade de Betânia, ministrando curas e milagres, e comentou aos homens que deveriam encontrar um “certo homem”, onde provavelmente era o pai de João Marcos⁴⁹ para celebrar a Páscoa em sua residência com os homens que acompanhavam o messias,⁵⁰ podendo considerá-lo como um convidado de Honra, pois, o consideravam um futuro rei proclamado pelo povo, com a finalidade de destruir o poder do Império Romano. Os discípulos obedeceram às ordens de Cristo, para organização da última celebração pascal com Jesus, pois sabiam dos procedimentos dos fariseus e judeus que tinham o plano de matá-lo e “obviamente, caso ficasse sabendo do local da reunião, armaria uma emboscada, evitando a celebração e instituição da Santa Ceia”.⁵¹

Dentro dessa residência do certo homem relatado, possivelmente numa terça-feira às seis horas da tarde, pelo cálculo judaico daquele tempo,⁵² estavam sentados perante a mesa e o mestre sabia da pessoa que ia trair.⁵³ Nesse fato, o interessante na celebração é os homens se sentarem numa mesa, onde “a alimentação e a mesa são, em geral, espaços privilegiados em que se manifestam as particulares culturais [...] e as querelas religiosas”.⁵⁴ Considerado a mesa, o elemento por excelência de socialização e partilha do alimento nas diversas civilizações, era dominante na cultura judaica a reunião perante a mesa e a partilha do alimento quanto celebrações de festa. E os discípulos, partilharam uma refeição com Jesus, dialogaram com os diversos ensinamentos da lei sagrada e principalmente o alerta sobre a sua morte, mediante a entrega do mestre às autoridades religiosas e ao Império Romano.

Ao relacionar o momento da instituição, podemos compreender que é o momento da consolidação e reatualização do significado da Páscoa, celebrada desde a saída do povo hebreu do Egito, para uma nova aliança em seu sacrifício. Na instituição do rito, entende-se que “Jesus Cristo faz o uso da cerimônia impregnada de emoção e valor simbólico tanto para

comemoração da Páscoa. Ver em: *Bíblia de estudo Arqueológica NVI*. SAYÃO, Luiz. 1.ed. São Paulo. Editora Vida, 2013.

⁴⁸ O ano é aproximado, pois, em outros estudos históricos e teológicos é 30 d.C. Ver em: Swaggart, 2015; Sayão, 2013.

⁴⁹ Escreveu o evangelho de São Marcos. Ver em: *Bíblia de Estudo do Expositor*. SWAGGART, Jimmy. 2° ed. 2015, p. 1756.

⁵⁰ No versículo 18, “Ide à cidade a um certo homem e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos”

⁵¹ SANTOS, Roberto dos Reis. *A Santa Ceia*. 1° edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 8.

⁵² *Ibid*, 2015, p. 1756.

⁵³ Nos versículos 20 e 21: “E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze. E, enquanto eles comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair” (Almeida Revista e Corrigida).

⁵⁴ Montanari, 1998, p. 238.

ele quanto para seus discípulos”.⁵⁵ Centrou na emoção e metáforas, voltado nos dois elementos alimentares como o pão e o vinho na mesa da celebração da Páscoa.

Um dos momentos relatados nos textos bíblicos, começa com o momento dos discípulos estavam se alimentando da refeição pascal e Jesus pegando o pão e apresentando aos céus como forma de abençoar o alimento, dividindo-o entre os participantes da mesa citando: “Tomai, comei, isto é o Meu Corpo”.⁵⁶ E o pão é considerado pelos ensinamentos do Cristianismo como alimento, símbolo espiritual, e principalmente, tornou-se uma representação metafórica do Seu corpo que seria sacrificado no Calvário, fazendo a prova aos cristãos que morreria pela vida da humanidade e esta deveria lembrar disto constantemente através da comensalidade dos alimentos.

Após o momento do pão, Cristo repete o mesmo procedimento com o cálice de vinho, abençoou e citou aos convidados da mesa: “Bebei dele todos, porque isto é o Meu Sangue, o Sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão de pecados”.⁵⁷ O vinho possui uma forte representação, faz parte de um simbolismo representando o sangue de Cristo que foi derramado mediante sacrifício de morte na cruz, testificando a nova aliança entre o povo e Deus, trazendo o significado para os cristãos, mediante a morte de Jesus: o cancelamento das dívidas dos pecados a todos e a Ceia direcionada diretamente à memória da cruz.

Em síntese, a Ceia constituída ao longo da antiguidade, foi reatualizada e colocada em prática por Jesus e seus discípulos, trazendo a ideia da comunhão entre seus amigos e familiares dos companheiros que andaram constantemente e vivenciaram os milagres, demonstrando não apenas uma celebração memorialística, e sim, trazendo a comensalidade e a partilha dos alimentos em comunidade diversificada em camadas sociais, quanto a relação do sagrado dos ensinamentos da torá, direcionando aos momentos finais do messias para sua morte na Cruz, para construção do seu memorial para ser lembrado constantemente.

1.2. Posicionamentos dos intelectuais e reformadores do século XVI sobre a Ceia do Senhor e seus elementos.

Os significados e perspectivas em torno da celebração religiosa são diversificados, constituídos no decorrer dos séculos, fundamentado na Bíblia como referencial para construção dos posicionamentos referente ao sacramento da Ceia. E os diversos intelectuais e

⁵⁵ Mendonça, 2015, p. 65.

⁵⁶ Mateus 28. 26 (Versão Almeida e Corrigida).

⁵⁷ Mateus 28. 27-28 (Versão Almeida e Corrigida).

reformadores do movimento religioso da Reforma Protestante e pós-reforma construíram os entendimentos particulares sobre as práticas e representações da rememoração da morte de Jesus Cristo, conseqüentemente, no Tempo Presente diversas igrejas pentecostais, utilizam os ensinamentos base do protestantismo histórico para execução do rito nas celebrações das igrejas assembleianas.

No século XVI, considerado o contexto das reformas religiosas, cresceu os diversos debates em torno dos sete sacramentos,⁵⁸ sendo que dois foram aceitos pelos reformadores e reconhecido pelo cristianismo: o batismo e a Ceia do Senhor (conhecida como eucaristia).⁵⁹ Nesse contexto, cresceu a divergência envolvendo os sacramentos, especificamente a Ceia, resultando em diversas concepções e controvérsias, propagando os debates sobre os pontos de vista como o “mais longo e mais grave dos conflitos que propagou entre os seguidores da reforma”.⁶⁰ Partindo desse contexto, os sujeitos utilizaram o sacramento da ceia amparado nos textos bíblicos, em principal, a instituição da Ceia do Senhor reatualizado por Jesus, para construir os posicionamentos e significados acerca dos elementos quanto a prática da celebração.

O reformador Martinho Lutero, considerado um dos maiores teólogos do século XVI e responsável pelo movimento da reforma, levando mudanças na teologia Católica, promoveu o combate às indulgências e heresias propagada pelas lideranças religiosas e amparada pelo Estado alemão. A linha de pensamento de Lutero é a Palavra de Deus como ponto de partida e autoridade final de sua teologia.⁶¹ Considerado o defensor das Sagradas Escrituras, o livro sagrado possuía grande importância para a vida do teólogo, como fundamento de fé e inquestionável por direcioná-lo a Cristo em seus diversos entendimentos e interpretações sobre o principal sacramento constituído e ressignificado por Jesus Cristo. O teólogo

⁵⁸ Na obra “Do cativeiro babilônico da Igreja”, Lutero apresenta os sete sacramentos: Penitência, Confirmação, Matrimônio (casamento), Ordem, Extrema-unção, Batismo e a Ceia do Senhor. Sendo que os cinco primeiros, Lutero discordava por não apresentava na bíblia no Novo Testamento e nas cartas paulinas os três elementos: “uma promessa ou palavra divina, um sinal exterior e a fé que recebe a promessa”, onde o reformador percebeu a ausência desses elementos quanto não foi instituído por Cristo. Fontes consultadas: MUNIZ, Tamiris; DUARTE, Teresinha. Lutero e os sete sacramentos da igreja. *Emblemas - Revista do Departamento de História e Ciências Sociais - UFG/CAC*, v. 9, n. 1, 77-95, jan-jun, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/emblemas/article/view/28431/15963>. Acesso em: 20 Nov. 2023. LUTERO, Martinho. *Do cativeiro babilônico da Igreja*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

⁵⁹ LOPES, E.P; FERNANDES, J.V da C. Santa Ceia: uma das mais significativas controvérsias entre os reformadores Lutero, Zwinglio e Calvino. *Ciências da Religião – História e Sociedade*, v.6, n°2, 2008. p. 100. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/424/250>. Acesso em: 09 Ago. 2023.

⁶⁰ FISHER, R. H. Comentário no livro de Lutero. In: LUTERO, M. *Obras selecionadas – debates e controvérsias*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 218.

⁶¹ GONZÁLEZ, J.L. *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 65.

acreditava que a Palavra de Deus começa em nós, mediante as Sagradas Escrituras, “por meio da pregação do evangelho e por meio dos sacramentos”.⁶²

Em 1520, desenvolveu seus entendimentos sobre os sacramentos, por meio do escrito “Do Cativo Babilônico da Igreja”, confrontando as diversas doutrinas e práticas do catolicismo romano, principalmente os “prelúdios” sobre os sacramentos, o centro e sustentação da igreja.⁶³ Para o teólogo alemão, os sacramentos são ordenanças físicas selecionadas e sinais das promessas de Deus para as pessoas, relacionando as Sagradas Escrituras e mediante a Fé em Cristo, defendendo a ideia que deve ser instituído por Jesus juntamente com a promessa do evangelho da cruz.

O enfoque maior em seus estudos, foi o objeto da ceia, onde “se opôs às missas privadas, à ceia como repetição do sacrifício de Cristo, à ideia de que a missa confere méritos, e à doutrina da transubstanciação”.⁶⁴ Por volta de 1521, o holandês humanista e jurista Cornelisz Hendricxz Hoen (traduzido da língua inglesa – *Honius*), foi o primeiro a propor interpretações sobre a eucaristia, trazendo a interpretação sobre o pão e vinho como simbolismo representando o corpo e o sangue de Cristo.⁶⁵ O conceito ganhou força nos países como a Suíça e determinadas cidades do Sudoeste e Sul da Alemanha, onde Lutero começou a ficar inquieto e defendeu seu ponto de vista, trazendo a concepção da “presença real” que Jesus Cristo inteiro está presente na Santa Ceia (ou Sacramento do Altar), inclusive segundo sua humanidade, trazendo atrito da “concepção simbólica”.⁶⁶

Anos mais tarde, ganhou força o conceito de “consustanciação”, trazendo a ideia da junção dos corpos na mesma substância, na qual, o pão e o vinho continua sendo o mesmo elemento, porém, estão neles agora o corpo e o sangue do Senhor, onde há presença de Cristo, e o crente se alimenta e permitia ao fiel participar do corpo de Cristo ao consumir os dois alimentos.⁶⁷

Sendo assim, as divergências contra a Igreja Católica ganharam força e maior parte dos reformadores se uniu contra a doutrina da transubstanciação,⁶⁸ defendido pela Igreja

⁶² González, 2004, p. 64.

⁶³ Cf. Dreher, p. 342.

⁶⁴ González, 1995, p. 71.

⁶⁵ Ver em: obras selecionadas de Lutero - Da Ceia de Cristo — Confissão, Joachim H. Fischer.

⁶⁶ Cf. Lutero, 1992.

⁶⁷ González, 1995; Woortmann, 1997; Lopes e Fernandes, 2008.

⁶⁸ Para o Donald (2013), a Transubstanciação é quando “se muda totalmente em substância do corpo humano de Jesus, ficando, porém, os acidentes ou as notas externas do pão; sendo assim, sem mudar de aparência, o pão consagrado já não é o pão, mas substancialmente o corpo de Cristo”. Ver em: DONALD, B. Transubstanciação. *Arquidiocese de Fortaleza*, 2013. Disponível em: <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/transubstanciacao/>. Acesso em: 20 Nov. 2023.

Católica Romana. Nem todos os reformadores que eram contra as doutrinas do catolicismo concordavam com as ideias de Lutero levando, conseqüentemente, à divisão. Como exemplo, o Andreas Von Darmstadt (tradução ao português André Karlstadt, colega universitário do alemão em Wittenberg) e o Ulrico Zwínglio, defendiam pontos convergentes a respeito do simbolismo da ceia e o estudo das Escrituras na aplicação metodológico humanista, diante das superstições e mitos construídos desde o contexto medieval, adentrando na Idade Moderna.

O suíço Ulrico Zwínglio era conterrâneo e tinha ideias relacionadas com Lutero, porém, eram divergentes um do outro. Segundo o historiador Justo Gonzalez, “cada um deles chegou às suas convicções básicas: enquanto que Lutero seguiu uma peregrinação espiritual angustiante, lidando com a questão básica de sua relação com Deus, Zwínglio foi levado por considerações patrióticas e intelectuais”.⁶⁹ A principal divergência entre eles, foi a respeito dos sacramentos, pois o suíço compreendia que a celebração alimentar deveria ser tratada como a essência do Evangelho.⁷⁰

Para o reformado suíço, a Santa Ceia adota o ponto de vista extremamente simbólico, usando como base teológica dos estudos do holandês Hoen e do alemão André Karlstadt, ambos defendiam a ideia central da ceia simbólica. Zwínglio conheceu os trabalhos de Karlstadt, por volta de 1520 e 1524, onde foram publicados os cinco folhetos antiluteranos. Em quatro deles, “apresentou seu argumento principal para rejeitar a presença corpórea de Cristo na Ceia”.⁷¹ Demonstrando que deveria ser comprovado pelas Sagradas Escrituras, se Cristo está presente na celebração em três aspectos relacionados no corpo, alma e o sangue, quanto também, o argumento estabelecido na instituição dos elementos, onde defende que “em nenhum lugar elas afirmam que o pão é o corpo de Cristo”.⁷²

Essas ideias destacadas, levou a centralização da ideia de Karlstadt “que o sacramento foi instituído para que os cristãos se lembrassem do sofrimento e da morte de Cristo como o cumprimento da profecia do Antigo Testamento”.⁷³ Entendemos, que os alimentos são meros símbolos para lembrar do sacrifício e do sofrimento, onde Jesus é comparado como um cordeiro levado para ser morto e despido, passando pelo processo da humilhação, sofreu calado e aflito, onde assumiu a responsabilidade da missão salvífica de

⁶⁹ Gonzalez, 2004, p. 72.

⁷⁰ *Ibid.*, 2008, p. 105.

⁷¹ Mathison, 2017, p. 820.

⁷² Karlstadt *apud* Mathison, 2017, p. 820.

⁷³ Mathison, 2017, p. 820.

Deus para a humanidade lembrar do sofrimento e o seu corpo e sangue na celebração ritualística.⁷⁴

Em novembro de 1524, mediante os cinco folhetos publicados por Karlstadt, fez que o Ulrico desenvolvesse uma postura clara sobre o sacramento, trazendo um texto baseado no evangelho de João 6 (escrito em meados de 32 d.C.), utilizando o posicionamento teológico e ideias sobre a eucaristia. Nesse estudo, o suíço fundamentou nessa passagem bíblica citada que Jesus e declarou como o “Pão da Vida”, naquilo que é oculto nos sinais sobre o filho de Deus e principalmente no simbolismo, demonstrando a multidão que estava no outro lado do mar de Cafarnaum que era aquele pão.⁷⁵ No entendimento religioso, Cristo apresentou-se como a necessidade de crer na pessoa Dele, acreditando na memória deixada nos últimos momentos de vida e mediante a morte na Cruz.

Entre os anos 1525 e 1526, publicou a obra *Eme klare Unterrichtung vom Nachtmahl Christi* (Um claro ensinamento da Ceia de Cristo),⁷⁶ voltado aos cristãos e defendendo o argumento da doutrina corporal de Jesus na Ceia que não deve ser mantida com os conjuntos do Credo cristão: *Subiu ao céu e sentou-se à mão direita de Deus Pai Todo-Poderoso, de onde virá para julgar os vivos e os mortos.*⁷⁷

Um dos pontos da obra, é a respeito das interpretações em torno da frase “Isto é meu corpo”.⁷⁸ Os defensores da presença corpórea de Jesus afirmam que o uso da palavra “é” enfatiza que devemos comê-lo literalmente, mas o Cristo utiliza figuras de linguagem, simbolizando que os crentes nele, não conseguem fazer nada sem Ele.⁷⁹ Nessa teoria, o reformador de Wittenberg negava a teoria de Lutero, a respeito da transubstanciação, por não usar as Sagradas Escrituras com uma interpretação correta, fazendo a substituição para “a doutrina da consubstanciação, onde Cristo está “em, com e sob” os elementos”, tornando o corpo de Cristo na celebração, como figurado e simbólico na Ceia do Senhor.⁸⁰ O reformador suíço, sempre defendeu no decorrer da vida, a respeito do sacramento do batismo e a

⁷⁴ Narrativa descrito pelo profeta Isaias no capítulo 53, versículo 5 e 7, onde “Ele foi ferido por causa das nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades, (...) foi oprimido, e aflito, e não abriu a Sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro; e como ovelha muda diante dos tosquiadores, Ele não abriu sua boca”.

⁷⁵ Swaggart, 2015; Earle e Mayfield, 2019, p. 70-71.

⁷⁶ Nessa obra publicou quatro pontos: análises sobre a frase “Isto é o meu corpo”, ponto de vista mediante as Escrituras e doutrinas dos Apóstolos, interpretação pessoal do suíço e as respostas das objeções das interpretações. Para saber mais sobre os quatro pontos e os debates aprofundados sobre as ideias do reformador de Wittenberg, ver em: Ver em: KIEIN, C. Jeremias. *Os sacramentos na tradição reformada*. São Paulo: Fonte editorial, 2005.

⁷⁷ Klein, 2005, p. 47.

⁷⁸ Localizada na referência bíblica de Lucas 22.19.

⁷⁹ Cf. Klein, 2005.

⁸⁰ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 650.

eucaristia “como sinais e símbolos que ajudavam o exercício espiritual do cristão em relembrar a graça de Deus, tirando o foco da autocomunicação de Deus para a atividade psicológica e espiritual daquele que crê”.⁸¹ Afirmando em seus estudos, a intencionalidade do cristão em rememorar a celebração com base na vivência de Jesus e os seus sinais, tornando-a simbólica e sagrada em torno dos elementos, para que as pessoas fizessem em memória do filho de Deus.

No ano 1526, o teólogo e pastor de Estrasburgo Martin Bucer elabora sua contribuição clássica através da obra “Apologia”, faz a proposição de debates sobre o sacramento nesse contexto. Contudo, nos primeiros momentos da Reforma, os pontos de vista eram parecidos com Lutero e no decorrer do movimento protestante foi influenciado pelas ideias de Hoen e Zwínglio, na qual, nesta obra argumenta que a Ceia é um memorial comemorativo da morte de Cristo e manteve a ideia que os incrédulos não participam do corpo e sangue de Cristo em qualquer sentido.⁸²

Outro ponto defendido, é a concepção em torno da água do batismo e principalmente os “elementos da Ceia do Senhor, são considerados sinais da graça de Deus”.⁸³ Nessa perspectiva, Bucer tentou desenvolver um posicionamento equilibrado, demonstrando uma unificação das vertentes do protestantismo: Luteranismo e Zuinglianismo. No ano de 1529, após as publicações das obras elaboradas pelos reformadores confrontando os posicionamentos referente ao rito alimentar e memorialístico, o pastor de Estrasburgo esteve no colóquio de Marburgo e leu os posicionamentos de Lutero sobre a Ceia do Senhor, onde foi convencido e resolveu intermediar o encontro em outubro de 1529, para discutir diversos assuntos religiosos, contudo, os reformadores e diversos intelectuais não concordaram com as argumentações da presença de Jesus na ritualística.⁸⁴

Sendo assim, foram diversas tentativas de conciliação de Bucer entre os intelectuais, porém, continuaram os embates da Santa Ceia, levando o afastamento das doutrinas do zwinglianismo. Em 1549, em Zurique na Suíça, os adeptos do zwinglianos e os calvinistas se uniram em prol da sistematização doutrinária e teológica nas igrejas reformadas da região montanhosa da parte central da Europa, demonstrando que a teologia de Zwínglio influenciou diretamente os posicionamentos doutrinários e teológicos do João Calvino.⁸⁵

⁸¹ Lindberg, 2017, p. 246.

⁸² Mathison, 2017, p. 823.

⁸³ Klein, 2005, p. 67.

⁸⁴ Ver em: This Is My Body: Luther's Contention for the Real Presence in the Sacrament of the Altar. p. 187-294.

⁸⁵ Silva, 2015, p. 45.

O teólogo João Calvino, foi considerado o líder da Reforma em Genebra e organizador das doutrinas teológica protestante, ocorrido em meados de 1535 e 1537. Em meio aos embates, de Zwínglio e Lutero sobre o sacramento, o intelectual buscou uma outra forma de pensamento como um “meio-termo entre esses dois reformadores”.⁸⁶ Essa construção teológica de Calvino, é considerada o equilíbrio das visões Luterana e Zwingliana, pois, relaciona a presença de Cristo, direcionando a dimensão do memorial e a manutenção dos equilibrados os braços da cruz, durante a eucaristia, fazendo a comunhão mediante ao Espírito Santo e a igreja unida através de Deus.⁸⁷ O posicionamento de Calvino, tentou buscar ser “neutro” sobre os pontos de vista do catolicismo romano, ao mesmo tempo, fez atritos sobre as teorias elaboradas pelos Anabatistas e do Zwínglio, contra o simbolismo e a ideia de consubstanciação luterana, elaborada na confissão de fé em 1530, regida por Martin Bucer.

De acordo com Calvino, os sacramentos é o sinal exterior do Senhor representado para nós e testifica através da sua boa vontade para sustentar, confirmar e fortalecer a nossa fé, principalmente, não existe sacramento sem a promessa de salvação.⁸⁸ A representação do sacramento da Santa Ceia, serve para a demonstração da bondade de Deus e o testemunho individual diante das pessoas, em principal, servir e para o fortalecimento da fé particular dos participantes da celebração. No sacramento, o propósito particular é excluir as diversas reivindicações particulares e focar somente a fé em Jesus Cristo, pois, a pessoa de Cristo é a verdadeira substância de todos os sacramentos, por Ele ser a fonte da força.⁸⁹ Sendo assim, não existe propósitos fora das Sagradas Escrituras, porque o foco da celebração é apresentar e fortalecer a fé, mediante a figura de Cristo.

Em 1536, escreveu a primeira versão das institutas⁹⁰ em Basiléia, onde contém os posicionamentos das leis, Credo de Fé, oração do Pai Nosso e sacramentos, e ao longo dos anos elaborou posicionamentos mais duros contra os falsos sacramentos e a liberdade do cristão.⁹¹ Nesse documento, elaborado pelo reformado, defende o propósito da instituição da Ceia considerando como “*o outro sacramento instituído pelo Senhor e por Ele dado à igreja cristã é o pão santificado pelo corpo do Senhor Jesus Cristo e o vinho santificado pelo Seu*

⁸⁶ Matos, 2008, p. 147.

⁸⁷ Chanun, 1975; Lopes e Fernandes, 2008.

⁸⁸ Calvino, 2006.

⁸⁹ Gonzalez, 2004, p. 168.

⁹⁰ Declaração de fé do calvinismo, contendo os ensinamentos teológicos de Calvino.

⁹¹ Observação importante feita pelo historiador Gonzalez (2004): após 1536, foi feito a versão da língua latim, na cidade de Estrasburgo em 1539; e em 1541, o João Calvino publicou em Genebra sua primeira versão francesa, considerada a obra mestra da literatura francesa. Outrossim, as diversas edições foram feitas em pares (uma versão latina seguida de francesa) como: 1543 e 1545, 1550 e 1551, 1559 e 1560. Sendo as versões latina e francesa de 1559-60, foram as últimas versões produzidas em vida do reformado, gerando as Institutas.

sangue, como os antigos costumavam falar”.⁹² A celebração é dada como responsabilidade dos cristãos lembrarem da morte de Jesus e comerem o corpo através dos elementos alimentares, rememorando o corpo e o sangue verdadeiramente do mestre, demonstrando que é uma promessa feita para um fim instituído e visando o sacramento, na qual, para o posicionamento calvinista com base na institutas defende, como forma de assegurar e a confirmação do corpo de Cristo, onde foram entregues de uma vez que agora é nosso e será perpetuamente.⁹³

Mediante o ponto de vista de Calvino, a Ceia não é considerada um simples culto memorialístico ou os elementos como um símbolo espiritual, considera como além, trazendo a comunhão visível da união com Cristo, mediante o resultado da fé, portanto, a obra do Espírito. Os elementos pão e vinho, faz a relação simbólica do corpo e sangue de Cristo, traz a ideia da presença do representado que é Jesus, porém, demonstram que o corpo e o sangue são disponíveis por meio da ação do Espírito e ao comer será por meio da fé.⁹⁴

Então, a principal finalidade do sacramento da Ceia, não é a apresentação do corpo de Jesus, é a confirmação das promessas do messias que diz sobre a Sua carne é a “verdadeira comida” e o Seu sangue é a “verdadeira bebida”, para sermos sustentados a vida eterna, quanto também significar e simbolizar.⁹⁵ Dessa forma, para cumprir esse feito, a celebração demonstra a cruz de Cristo, onde era anunciado pelos profetas messiânicos como Isaias no Antigo Testamento e foi concretizado e cumprida, gerando símbolos e lembrar constantemente da promessa.

1.3. Posicionamento das Assembleias de Deus e assembleianos sobre a ceia.

Os posicionamentos e aspectos sobre a Ceia nas ADs, são diversificados e não possuem um padrão de declaração teológica estabelecida e formalizada em todas as igrejas, como o exemplo da instituída elaborada por Calvino e nos debates dos teólogos no contexto da Reforma Protestante, no século XVI. Contudo, diversas fontes históricas como escritos oficiais das igrejas, *blogs* de historiadores autodidatas ou pesquisadores assembleianos, biografias de líderes religiosos, e principalmente, o jornal oficial Mensageiro da Paz (MP), “podem-se destacar, em sua essência, alguns elementos de orientação e de embasamento das

⁹² Calvino, 2002, p. 3.

⁹³ *Idem.*, 2002. *Passim*.

⁹⁴ Gonzalez, 2004, p. 172-173.

⁹⁵ Calvino, 2006, p.7.

crenças, [...] tem espaço nas edições de jornal de circulação interna”,⁹⁶ podendo ser utilizada como base educacional quanto doutrinária, afirmando os valores que acreditam e representado pelos membros do grupo religioso. Dessa forma, foram divididos em dois momentos de análise na pesquisa: as mudanças metodológicas-alimentar da celebração e os aspectos doutrinários para a formalização da Declaração de Fé das Assembleias de Deus.

No primeiro momento da análise, foram percebidas diversas modificações na celebração presente nas documentações oficiais quanto nos diversos relatos de memórias proferidas em sites e biografias oficiais de líderes, contendo diversidades modernizadores na celebração, levando aos debates e divergências dos membros perante a mesa sagrada.

Em novembro de 1931, na AD Igreja-Mãe de Belém do Pará,⁹⁷ começaram os diversos debates sobre a Ceia, especificamente no que diz respeito ao uso do cálice comum, deixado pelos suecos e consolidado na tradição local. O médico e membro da igreja assembleiana Amilcar Carvalho da Silva, fez o acompanhamento dos diversos sujeitos que frequentavam a igreja, para viabilizar estudos e soluções, pois, nesse contexto na região, eram frequentes diversas doenças infectocontagiosas, como exemplo a gripe, onde percebeu que o uso do cálice coletivo servido nas celebrações da Ceia era a causa de muitos doentes dentro da comunidade.⁹⁸ Visto isso, foi criado pela igreja, uma comissão sanitária com a finalidade de elaborar orientações que atendessem com base nas sugestões do médico em implantar alternativas como exemplo o uso dos cálices individuais, considerado o método higiênico a ser feito na distribuição do vinho, no decorrer das celebrações da Santa Ceia.

Outrossim, o debate da implantação do cálice individual da Ceia, originada em Belém, chegou na Convenção Geral das ADs, na cidade de João Pessoa-Paraíba, que ocorreu em setembro de 1935. Na reportagem elaborada pelo missionário sueco Joel Carlson⁹⁹ em novembro no MP, durante os diversos debates de temas pertinentes dos pastores, *foi lida uma carta dum irmão* do Rio Grande do Norte, para que a convenção abordasse as controvérsias

⁹⁶ CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: Ministérios, carisma e o exercício do poder*. 3º ed. São Paulo: Editora Recriar, 2020. p. 107.

⁹⁷ Termo utilizado para primeira igreja cristã da região ou referir a igreja primeira de uma denominação religiosa.

⁹⁸ Fontes consultadas: SOUZA, Benjamin de. *História Centenária da Assembleia de Deus: edição comemorativa*. Belém: [s.n.], 2011, p. 92. NELSON, Samuel. *Nels Nelson - O Apóstolo Pentecostal Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 32.

⁹⁹ Joel Carlson (1889-1942), foi militar, missionário sueco e pioneiro da Assembleia de Deus em Pernambuco, conhecido como “O Apóstolo do Nordeste Brasileiro”. Para saber mais: SANTIAGO, Jacó. Missionário JOEL CARLSON. 2012. *Jacó Rodrigues Santiago*. Disponível em: https://jacorodriguessantiago.blogspot.com/2012/10/missionario-joel-carlson_3.html. Acesso em: 06 Set. 2023.

sobre o uso do cálice comum (coletivo) e o individual, gerando o debate entre os pastores.¹⁰⁰ Tentou-se argumentar na plenária, que as ADs no norte fizeram a implantação do cálice individual, todavia, diversas assembleias utilizavam o cálice coletivo seguindo a possível herança deixada pelos missionários suecos e a convenção decidiu que cada pastor escolhessem a melhor abordagem sobre o uso do cálice nas celebrações e achasse melhor em servir a ceia.

Esses debates originados na Igreja-mãe, por muito tempo, circularam inquietações e discursões, geraram proporções de rompimento da tradição ritualística e alimentar, deixada como herança ensinada pelos missionários suecos, por conta de percepção sobre a prática litúrgica que estava afetando diretamente a saúde dos participantes do rito, fazendo a reflexão em diversas igrejas e ministérios assembleianos sobre as mudanças na celebração. Algumas mantiveram a tradição do cálice único e outros aspectos/ características tradicionais da celebração até meados dos anos 2000.

Nos relatos de memórias, coletados no site *Memórias das Assembleias de Deus*, nos anos 1950, os ministérios¹⁰¹ da região Sudeste como Madureira no Rio de Janeiro, Belenzinho e o Brás na zona leste de São Paulo, foram os mais resistentes sobre o cálice individual e conservaram a tradição do cálice coletivo, até meados dos anos 90.¹⁰² Nas regiões do interior paulista e alguns municípios do Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e determinados municípios do Nordeste, entre os anos 60 e 70, foram favoráveis e adotaram o copo individual, para a finalidade de cuidado e prevenção de doenças, reduzindo casos de contaminações virais, porém, vieram acusações de quebra da tradição.

No mesmo contexto dos anos 50, as ADs da região Nordeste, como o exemplo de Ministério de Abreu e Lima, no estado de Pernambuco, foram acusadas por parte da

¹⁰⁰ CARLSON, Joel. Convenção Geral das “Assembléas de Deus”. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano V, n° 21, 1° quinzena de Novembro de 1935, p. 4.

¹⁰¹ Para a perspectiva assembleiana, há duas noções: 1) significa um corpo de obreiros a pastores (auxiliar e presidente), dentro de uma igreja; 2) Um conjunto de igrejas e congregações (convenção), dentro de uma localização geográfica.

Meados de 1930 e 1950, no primeiro momento, serviria como “ideia de unidade” e “exercício da militância na igreja”, porém, queriam a autonomia própria nessas regiões e o alto crescimento de igrejas em diversas regiões do país, conseqüentemente, gerou ponto de tensão entre as ADs. Dentro dessa perspectiva, envolve dinâmicas entre as igrejas que envolvem a questão “cooperativa”, controlado por um líder religioso, vinculado ao diversos cargos e hierarquias, poder, características para além das representações e patrimoniais. ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011*. São Paulo: Editora Recriar, 2019. CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: Ministérios, carisma e o exercício do poder*. 3° ed. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

¹⁰² A Ceia do Senhor nas Assembleias de Deus - o uso do cálice. *Memória das Assembleias de Deus*, 2019. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2019/01/a-ceia-do-senhor-nas-assembleias-de.html>. Acesso: 01 jun. 2023.

Assembleia de Deus em Recife por desconstruir a tradição dos missionários sobre o uso do cálice coletivo. A liderança eclesial de Abreu e Lima, conduzida pelo pastor José Rosa dos Santos, passou a adotar o uso do cálice individual, pois, perceberam a falta de cuidado na celebração, onde os diáconos da igreja, possuíam um lenço que era utilizado para limpar a borda do cálice do vinho, onde possivelmente piorava em vez da limpeza integral do recipiente, conseqüentemente, espalhando os micro-organismos e gerando a contaminação nas pessoas.¹⁰³ Mediante a postura da liderança, gerou “votos de censura por parte do ministério em Recife, pois chegaram a dizer: **o pastor José Rosa rompeu com a tradição sueca, trazida por Joel Carlson, sobre o cálice da Ceia**”.¹⁰⁴ A resistência da instituição religiosa de Recife, durou até meados de 1980, seguindo à risca a liturgia deixada pelos missionários suecos fundadores e outras igrejas e ministérios do Estado de Pernambuco começaram a adotar com naturalidade o cálice individual, conseqüentemente, abandonaram na totalidade a tradição ritualística sueca, entre os anos 90 e começo de 2000.

Nos anos 1965, o escritor Paulo dos Santos traz à tona no MP, o debate da uniformidade e padronização das celebrações, para que a doutrina e os comportamentos sejam “definidos e padronizados” em todas as igrejas do Brasil. Entra na crítica da insistência dos cálices coletivos, onde existem os perigos de doenças e atrapalha a definição metodológica e padronização da ceia, defendendo que

não seriam recomendáveis, quer pela impressão que causam, quer pelo sentido não higiênico de seu uso. Põem em contato direto com pessoas ocasionalmente doentes com outras que estejam sãs. [...] conhecer o perigo e não fugir dele é tentar a Deus.¹⁰⁵

Essa crítica, possivelmente referiu-se as igrejas tradicionais do eixo Sul-Sudeste e do Nordeste, em sua maioria neste contexto eram resistentes as mudanças, por entenderem que é uma tradição consolidada no meio e defendiam que é “o ato é de fé, portanto, NÃO HÁ PERIGO”, trazendo a ideia de prepotência e não tendo a noção dos cuidados de saúde. E o colunista defende o uso do cálice individual por seguir “os princípios da civilização e da higiene” e, principalmente, afirma que não importa a questão tradicional, mas o que interessa

¹⁰³ Fontes consultadas: AGUIAR, Robson. A Santa Ceia, a hermenêutica e a exegese bíblica: O que acontece quando a hermenêutica e a exegese são ignoradas?. *Seara News*, 2021. Disponível em: <https://www.searaneWS.com.br/a-santa-ceia-a-hermeneutica-e-a-exegese-biblica/>. Acesso: 01 jun. 2023. SANTOS, Roberto José. (Org.). *Assembleia de Deus em Abreu e Lima - 80 Anos: síntese histórica*. Abreu e Lima: FLAMAR, 2008.

¹⁰⁴ Santos, 2008. p. 54, grifo do autor.

¹⁰⁵ SANTOS, Paulo dos. Cálice <<Comum>> ou <<Individual>>?. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 35, nº 6, 2º quinzena de março de 1965, p. 4.

é o “aspecto prático da questão [...], devemos escolher e preferir a que satisfaz os ditames da Bíblia e se apresenta de modo mais receptivo”.¹⁰⁶

No ministério de Belenzinho, entre as décadas de 80 e 90, após a viagem do pastor José Wellington¹⁰⁷ para os Estados Unidos, foram feitas tentativas de modificação metodológicas em servir a Ceia aos membros da igreja. Como exemplo, foi consultado entre os membros sobre a implantação das bandejas douradas, porém, a reação foi negativa em virtude dos desenhos de cruz na bandeja e o pastor pensou em utilizar a autoridade para impor a implantação, todavia, evitou brigas entre os membros.¹⁰⁸

As tentativas em modificar não pararam, retornou na “ferida” histórica da ADs, sobre o debate do cálice individual na Ceia, superado em outros ministérios assembleianos. Diferente de outros ministérios, em Belenzinho foi feita uma exposição bíblica sobre o referido tema do rito, apresentando que o “crente não toma o cálice e, sim, o seu conteúdo, pois Jesus disse “bebei dele todos se referindo ao vinho”.¹⁰⁹ Utilizou esse argumento de Cristo, para demonstrar que independentemente do modo utilizado do cálice, não mudaria o significado da celebração, pois, a modificação para o cálice individual, para o ministério, foi necessária para reduzir “situações constrangedoras na hora em que os diáconos serviam um único cálice para várias pessoas”, e em principal, num dos cultos de Ceia, foi flagrado “um diácono que estava resfriado foi visto assoando o nariz com o pano que usava para limpar a borda do cálice”.¹¹⁰

Assim sendo, os objetos e metodologia da Ceia foram alvos de polemicas no decorrer dos anos 1930 a 2000, por muitas igrejas seguirem o uso do cálice individual, rompendo a tradição sueca do cálice coletivo. Atualmente, o debate é superado e diversas igrejas utilizam esse modo de cálice e adotaram procedimentos pós-pandemia da COVID-19, como o uso de luvas, máscara e recebem álcool para assepsia das mãos e preparam em recipientes, como exemplo, as bandejas contendo os elementos como o pão e o vinho. Em outros ministérios, as

¹⁰⁶ SANTOS, Paulo dos. Cálice <<Comum>> ou <<Individual>>?. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 35, nº 6, 2º quinzena de março de 1965, p. 4

¹⁰⁷ Foi presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) por 11 vezes (1995-2017), considerado uma das maiores personalidades no meio assembleiano, influenciando diversos líderes e membros nas condutas quanto liderança. Atualmente, é o pastor-presidente evangélico da Assembleia de Deus Ministério do Belém-SP e presidente de honra da CGADB.

¹⁰⁸ ARAÚJO, Isael de. José Wellington - Biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 195.

¹⁰⁹ Araújo, 2012, p. 195.

¹¹⁰ *Ibid.*, 2012, p. 195.

medidas higiênicas foram além: os diáconos fazem a distribuição dos elementos, mediante o uso de kits contendo o pão (ou bolacha salgada) e o vinho.¹¹¹

O segundo momento da análise, foi a questão dos aspectos doutrinários da Ceia a formalização da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, registrado em sua maioria na documentação jornalística do MP e diversas fontes oficiais das ADs. Entre a década de 30 e final dos 60, foram publicadas diversas informações dos pioneiros missionários suecos, pastores e intelectuais, expressando “*as linhas mestras de nossas crenças*”,¹¹² no escritos assembleianos no decorrer dos anos. Para o escritor Esequias Silva, em 1919, foi publicado no *Jornal Boa Semente*, a primeira versão do artigo “O que nós cremos” elaborado pelo Gunnar Vingren, demonstrando as bases doutrinárias da denominação com base na Bíblia Sagrada; anos depois por volta de 1930, foi reeditado no *Jornal O Som Alegre*. No decorrer dos anos, diversos sujeitos publicaram artigos jornalísticos quanto os posicionamentos doutrinários, especificamente da celebração, baseado no posicionamento da instituição.

Em 1938, o missionário Theodoro Stohr publicou no MP, o artigo jornalístico “*Em que crêem os pentecostais*”, com base no artigo de 1919, onde apresenta os fundamentos sobre as crenças dos pentecostais, atrelada a fé como fundamento e “*na Salvação pela obra expiatória de Jesús Cristo, como nosso substituto, no Calvário*”.¹¹³ Nesse documento analisado, é destacado a respeito da crença relacionado a Ceia do Senhor e os comportamentos para a manutenção da comunhão entre os membros do grupo, onde

Cremos na Ceia do Senhor, em cuja presença participamos do pão e do vinho, anunciando a Sua vinda. (1 Cor. 11:26). [...] Crêmos na vida santa dos discípulos (mesmo contemporaneos nossos). [...] Excluimos da comunhão (em absoluto) aquele que seja fumante ou seja bebedor ou que frequente teatros, cinemas, bailes, jogos, e tantas outras misérias do mundo. Os tais não podem fazer parte do santo corpo de Cristo que é a igreja.¹¹⁴

Nesse contexto, interessante destacar que o Estado brasileiro atravessava a ditadura do Estado Novo controlado pelo presidente Vargas, utilizando de comportamentos autoritários e controle social, afetando diretamente a sociedade, inclusive a denominação pentecostal para a implantação do “conservadorismo assembleiano” nas doutrinas a partir da segunda metade

¹¹¹ Ver em: SERGIO, Mario. A Ceia do Senhor nas Assembleias de Deus - outras histórias. Memória das Assembleias de Deus, 1 Fev. 2019. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2019/02/a-ceia-do-senhor-nas-assembleias-de.html>. Acesso: 25 ago. 2023.

¹¹² Silva, 2016, p. 11.

¹¹³ *Jornal Mensageiro da Paz*, 1938, p. 2.

¹¹⁴ STOHR, Theodoro. Em que crêem os pentecostais. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano VIII, nº 20. 2º quinzena de Outubro de 1938. p. 2.

da década de 30.¹¹⁵ E a cultura brasileira estava atrelada ao uso de bebidas alcoólicas, figura e a personificação de Vargas, crescimento das produções culturais controlada pelo governo autoritário, levando a demonstrar que a comunhão com a igreja deve estar longe dessas práticas de “misérias do mundo”, partindo do olhar assembleiano.¹¹⁶

Na Convenção Geral de novembro de 1949, na AD de São Cristóvão – cidade do Rio de Janeiro, o debate da ceia atravessava outras formas de posicionamentos voltados para a perspectiva bíblica e moral da sociedade, saindo dos aspectos da ritualística alimentar. Nessa sessão convencional, o pastor Marcelino Margarida da Silva, aproveitou a ocasião para perguntar ao grupo de pastores e participantes da convenção: “um crente das Assembleias de Deus, casando-se com crente não batizado por imersão”, pois, nas atas não estavam claras a resolução e estava escrito que “foi recomendado que sobre o assunto se observe o que ensinam as Sagradas Escrituras”.¹¹⁷

Essa questão mencionada em 1949, voltou ao debate no dia 21 de novembro de 1962, quando o pastor Petronilo trouxe ao plenário a decisão do assunto, registrado na ata da 5ª reunião convencional de 1949, sobre o questionamento do Marcelino e demonstrou que a resolução não estava clara, e os pastores e evangelistas fizeram as considerações, conforme os ensinamentos e observações da Bíblia, para não saírem da doutrina bíblica.¹¹⁸ O presidente da mesa Antônio Petronilo dos Santos, dirigiu aos convencionais, se o assunto deveria continuar em debate ou não, onde a maioria decidiu a retirada do assunto das discussões, fazendo com que o assunto fosse superado e não comentaram mais.

Nos anos 1960 e 1970, começou o outro debate sobre uma possível Credo de Fé, com base nas doutrinas bíblicas e ensinamentos estabelecidos pelos missionários suecos e sucessores. Partindo do pressuposto, começou a ser publicado no MP, a partir de junho de 1969, as primeiras notas sobre o “Cremos”, passando por constantes revisões em cada edição e acréscimo de diversos temas, demonstrando o posicionamento doutrinário das ADs, porém, a recomendações e posicionamento sobre a Ceia do Senhor, não era tratado.¹¹⁹ Contudo, o rito

¹¹⁵ Para saber mais, sobre o conservadorismo assembleiano e Estado Novo: Alencar, 2019. FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

¹¹⁶ Cf. Alencar, 2019.

¹¹⁷ A bibliografia de pastores em sua maioria, são produções de memórias coletadas e em redes sociais de curiosos quanto em livros oficiais da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Ver em: DANIEL, Silas. História da convenção geral dos ministros das igrejas evangélicas Assembleias de Deus no Brasil. 2º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2022. E-book. p. 480-481.

¹¹⁸ Daniel, 2022, p. 600.

¹¹⁹ Localizado no Jornal Mensageiro da Paz, entre os anos 1969 ao final dos anos 70. Com passar dos anos, foram formalizados em uma Declaração de Fé.

continuava sendo tema de interesse dos pastores e convidados pelos editores do MP, fora dos debates da Convenção Geral das ADs e ministérios assembleianos.

Na edição de novembro de 1980, foi publicado uma reportagem elaborada pelo pastor cearense Antenor Bezerra Dias, onde tratou a respeito da “Santa ceia com pão ázimo?”, relacionou com a perspectiva histórica da saída dos hebreus do Egito antigo e a ideia da ceia pascal. O pastor começa a argumentar que a “*ceia pascal era um tipo do sacrifício de Cristo*”, significa que Jesus “*é o protótipo desse tipo*”, servindo como um modelo para cumprir o cerimonial da lei e o sacrifício de Jesus feito por nós.¹²⁰ Significa que a ceia no Egito antigo, foi a base para reatualização para o modelo estabelecido por Jesus, para lembrança da morte Dele.

Outrossim, o cearense entende que a “*CEIA DO SENHOR NÃO É PASCAL. A ceia é uma cerimônia essencialmente cristã*”; nessa questão, o cristão protestante não possui a obrigação de aceitar a Lei estabelecida na antiguidade quanto o uso do pão ázimo, pois era pertencente ao ritual mosaico.¹²¹ Sendo assim, a ceia é uma cerimônia cristã e tem um significado pelo ato em si, e a “*sublimidade da Ceia não está na qualidade do pão, mas em que o cálice que bebemos é a comunhão do sangue de Cristo, e o pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo*”.¹²²

Dessa forma, mediante a exposição de trechos e paráfrases do pastor assembleiano, a ceia pascal era um sacrifício que viria acontecer com a morte de Jesus e se tornou um memorial, fazendo a ceia como forma de comensalidade e comunhão com as diversas pessoas, para valorizar a mensagem e o ensinamento de Jesus Cristo para os assembleianos, saindo da ideia da materialidade em si ou tipo utilizado dos alimentos representados quanto às práticas.

No ano de 2016, a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (GGADB) aprovou e publicou o texto sobre a “Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil”, com a finalidade de expressar o pensamento doutrinário através de documentos oficiais da instituição, inclusive os ensinamentos sobre a Ceia do Senhor, utilizando como referência para elaboração o Antigo e Novo Testamento e também os posicionamentos dos reformadores do século XVI, onde considera como um “rito contínuo da Igreja visível, instituído como

¹²⁰ DIAS, Antenor Bezerra. Santa ceia com pão ázimo?. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano L, nº 1123. Novembro/80. p. 10.

¹²¹ Dias, 1980, p. 10.

¹²² *Ibid.*, 1980, p. 10.

memorial da morte de Jesus até a sua vinda”, para levar os sujeitos a celebrar com frequência a “solenidade de bênção e de comunhão para os crentes”.¹²³

Diante do exposto, a Ceia do Senhor nas ADs possui os significados e baseados na Bíblia Sagrada e do protestantismo histórico, mediante a construções históricas, desde os ensinamentos e teorias dos reformadores aos ensinamentos dos missionários suecos, onde são carregados de representações, práticas e objetos em torno da ritualística. Os estudiosos, intelectuais e pastores, trouxeram ao longo dos anos, os posicionamentos sobre uma prática religiosa-alimentar pertinente no Cristianismo, podendo ser modificada os comportamentos e hábitos dos sujeitos perante a mesa, mantendo os ensinamentos e valores construídos, conforme aos dogmas bíblicos.

Com base nas análises bibliográficas e das diversas fontes históricas, comprieende-se que a partir da década de 1980, é considerado o *aggiornamento* pentecostal e a consolidação da identidade assembleiana (será aprofundado no 3º capítulo), dentro de um rigorismo moral, fazendo “uma conduta de vida, cada vez mais de estilo monacal e isolamento social, com uma leitura subjetivista e literatizada dos textos sagrados, portanto, muito conservadora e de exacerbado moralismo”.¹²⁴ Por outro aspecto, nos anos de 1990 é o crescimento dos “templos-shopping”, na qual, os sujeitos frequentam cultos sem protocolos, onde o estético vale tanto ou mais que o ético, pois a cerimônia não é um culto simplesmente, é um “espetáculo”, um teatro.¹²⁵

¹²³ CGADB. *Declaração de Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 74.

¹²⁴ Alencar, 2019, p. 178.

¹²⁵ *Ibid.*, 2019, p. 264.

2. SIGNIFICADO DOS OBJETOS E A MESA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A CEIA DO SENHOR ASSEMBLEIANA

Segundo o filósofo Mircea Eliade, “seja qual for a complexidade da festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar de origem e que é, ritualmente, tornado presente”.¹²⁶ A Ceia do Senhor é um dos principais sacramentos do Cristianismo, originado do fato histórico, dos últimos momentos da ceia de Jesus com os discípulos, trazendo uma reatualização do rito celebrado desde do Egito Antigo, relacionando a perspectiva futura diretamente da morte de cruz. Consequentemente, diversas igrejas cristãs no presente, utilizam a memória histórica para montar a mesa, utilizando-se dos principais elementos alimentares como: pão e o vinho.

Por excelência, considera-se como uma transmissão de valores construídos biblicamente, relacionando aos momentos históricos da antiguidade, trazendo a ressignificação do rito judaico, utilizando de elementos da refeição familiar e das condições dos cativos no Egito rumo a terra prometida aos últimos dias de vida de Cristo. Nessa perspectiva, ao reatualizar a celebração, Jesus utiliza uma cerimônia impregnada de emoção e valor simbólico tanto para ele quanto aos seus discípulos, utilizando os elementos pão e o vinho simbolizarem o sacrifício que disporia a fazer, para que os discípulos recordassem as refeições cerimoniais com seus familiares em torno da mesa e instruções dos seus pais.¹²⁷

Partindo do objeto de estudo, a noção de História Cultural faz compreender as particularidades e tornou possível a expansão de novos objetos historiográficos e estudos, inclusive, o campo da alimentação e religião. Pois, não é limitado em analisar as produções culturais literárias e artísticas oficialmente reconhecidas, mas designar toda historiografia para o estudo de um determinado grupo da sociedade historicamente localizada.¹²⁸ Nessa compreensão, o campo abrange os objetos da representação e práticas interpretadas pelo grupo, na qual, não se limita apenas na produção do texto ou objeto cultural, mas, principalmente nas imagens que o homem constrói e constitui na recepção. E o rito bíblico, possui imagens, hábitos alimentares, representações, objetos, simbolismos e práticas

¹²⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 79.

¹²⁷ SILVA, Alexandre Mendonça da. *A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito símbolo e produção de sentidos*, 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7871?locale=pt_BR. Acesso em: 17 ago. 2023. p. 65.

¹²⁸ BARROS, José D’Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422/21738>. Acesso em 21 ago. 2023.

construídos no decorrer da história da antiguidade bíblica ao presente, revelando a realidade profunda e a expressão do conteúdo espiritual.

Na teologia protestante e nas igrejas evangélicas da atualidade, o rito é a mais importante celebração para a representação da lembrança da morte de Jesus. Nas ADs é um culto de celebração diferenciado e mais frequentado, pois, o indivíduo se identifica pela a mensagem da morte de Jesus Cristo e o novo nascimento espiritual, associando “com a missão de Jesus Cristo, que segundo os Protestantes Históricos, morreu para que seus seguidores tenham a vida eterna”.¹²⁹ Dessa forma, os assembleianos mediante o ato do batismo em águas, podem participam da celebração, relacionando as representações e práticas contidas na ceia que foram ressignificadas e reatualizadas historicamente, como um momento de reflexão individual e relembração do sacrifício de Cristo.

Interessante destacar o funcionamento da celebração, que ocorre apenas uma vez ao mês, geralmente na primeira ou terceira do mês, dependendo de cada igreja ou ministério convencional. Originalmente é feita a portas fechadas, demonstrando que o momento é reservado apenas aos membros batizados em águas da daquela igreja, podendo participar, comer o pão e tomar o vinho simbolizado como corpo e sangue de Jesus, respectivamente. Esse ato, para o historiador Maxwell Fajardo, “a Ceia é o rito da permanência, já que todo membro deve participar do ato mensalmente”.¹³⁰ Teoricamente, o membro possui o papel de participar da celebração mensalmente e caso não participe das ceias consecutivas torna-se problema.¹³¹

Nessas celebrações, intituladas de culto, possuem diversidades de igrejas e ministérios assembleianos na região inserida de pesquisa quanto existências de procedimentos litúrgicos, que impedem de exemplificar um modelo padrão de celebração da Santa Ceia nas ADs.¹³² Podemos descrever um modelo, para compreensão do funcionamento do culto de ceia numa igreja assembleiana.

Existem aspectos e elementos determinados num “culto assembleiano” e “culto de Santa Ceia”, onde condiz com a doutrina bíblica e ensinamentos do protestantismo histórico, dentro de uma dinâmica litúrgica dos ministérios conservadores. O culto de Ceia é dividido em dois momentos: culto de celebração (tradicional culto assembleiano) e o momento da Ceia do Senhor.

¹²⁹ Silva., 2015, p. 20.

¹³⁰ FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. 2º ed. São Paulo: Editora Recriar, 2019. p. 264.

¹³¹ Fajardo, 2019, p. 264.

¹³² Cf. Fajardo, 2019.

O primeiro momento é o culto, iniciado com uma oração inicial conduzida pelo pastor da igreja, cânticos da Harpa Cristã, leitura bíblica oficial, cânticos de diversas músicas pelos grupos locais, ofertas e o destaque para o momento da pregação, feito somente pelo pastor ou líder da igreja direcionando aos problemas específicos dos membros. Feito a pregação, é direcionado ao segundo momento que é a Ceia do Senhor, onde é feito a abertura do rito com uma oração apresentando os alimentos aos céus e apresentando a representação de Cristo simbolicamente. Nesse momento, os sujeitos que saíram da “disciplina”¹³³ ou fizeram algo que trouxe escândalo à instituição religiosa e aos membros, são chamados para fazer a prática do “pedir perdão”¹³⁴ publicamente. Em seguida, faz-se o momento do repartir do pão e vinho a todos os membros da igreja, com cânticos da Harpa Cristã sobre a Ceia.

Durante os trabalhos de campo, investigação e análise, foi percebida uma diversidade de posicionamentos sobre a ritualística para além do templo e instituição religiosa assembleiana. Os sujeitos partem das experiências particulares e do “conjunto de crenças e práticas”, em que é partilhada com os não especialistas do sagrado, onde “os leigos, não produtores de uma sistematização do saber religioso, não podem exercer o monopólio das instancias do sagrado, esperando, de sacerdotes e profetas”.¹³⁵ Trazendo a perspectiva assembleiana, os diversos sujeitos, podem ter cargos eclesiais e hierarquias no âmbito do sagrado, porém, aprenderam sobre a ordenança do livro sagrado com os não especialistas e com os leigos, interferindo nos ensinamentos do sacerdotes.

No decorrer da pesquisa, com base teórica de Raymundo Maués, uma divisão nos relatos para compreensão dos lugares de fala e perspectiva sobre o rito (no decorrer das análises, serão explicados), divididos em dois grupos de sujeitos: 1) “*leigos*” ou “*não especialista do sagrado*” – mulheres, membros idosos, intelectuais assembleianos/ teólogos; 2) “*sacerdotes*” – pastores, evangelistas e presbíteros. Porque, entra em questão as concepções dos sujeitos sobre o objeto sagrado e histórico, em que eles percebem ou silenciam as

¹³³ Termo “disciplina” é conhecida como contação de obediência a regras ou ordem. Porém, no meio assembleiano, meados dos anos 1950, em virtude do crescimento urbano brasileiro e vem o desafio da manutenção dos novos membros convertidos e na tradição assembleiana. Então, o termo disciplina foi ressignificado para quando um membro comete algo ilícito pela Bíblia e dogmas institucionais é afastado do “rol de membros” por um período estipulado pelo pastor local ou ministério e é impedido de participar de atividades como a Ceia e “ficar no banco”. Ver em: Alencar, 2019, p. 208-213.

¹³⁴ Uma prática assembleiana de confissão pública, feito nos cultos de Ceia, onde o sujeito que cometeu algum escândalo grave levando prejudicar a imagem da congregação, falou contra a liderança ou prejudicou outros sujeitos dentro do templo, é necessário pedir perdão e a igreja precisa aceitar o perdão, conseqüentemente, o membro pode participar da celebração perante a mesa.

¹³⁵ MAUÉS, Raymundo Herald. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: CEJUP, 1995. p. 17.

modificações de comportamento e hábitos perante a mesa cristã e as diversas observações de mudanças, conforme o significado construído bíblicamente e ressignificado por Jesus.

A pesquisa foi delimitada no recorte temporal a partir dos anos 1980, considerado para os historiadores pentecostais como contexto da “consolidação da tradição assembleiana em relação à sueca e americana”,¹³⁶ afetando diretamente na reformulação de comportamentos, crenças, hierarquização de poderes, modernização dos templos e suas práticas, dentro da perspectiva de obediência aos líderes da congregação e pastores-presidentes.¹³⁷

Nesse capítulo, possui a problemática que os líderes eclesiásticos, membros antigos e intelectuais compreendem e observam a Ceia nas ADs¹³⁸ de Ananindeua,¹³⁹ com base nos ensinamentos bíblicos e experiências particulares a partir dos anos 1980. Formalizando a hipótese central, amparado nas fontes históricas (apresentado no primeiro capítulo), a existência de modificações diretamente nos comportamentos e hábitos perante a mesa, onde

¹³⁶ Nesse contexto, considerada a transição da 2ª e 3ª onda pentecostal classificada por Paul Freston (1994), onde houve a “modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização já atinge dois terços da população, o milagre econômico está exaurido e a “década perdida” dos 80 se inicia”.

Citação de: ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911 – 2011*. São Paulo: Recriar, 2019. Pp. 29. FRESTON, Paul, “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: ANTONIAZZI, Alberto et alli, *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994.

¹³⁷ Cf. Alencar, 2019; Costa, 2020.

¹³⁸ O trabalho de campo foi realizado no arquivo privado de um membro eclesiástico que disponibilizou seu acervo para coleta de fontes históricas (como revistas, livros raros, manuais e comentários bíblicos) e no arquivo eclesiástico na ADCIN Cidade Nova, na cidade de Ananindeua-Pa.

¹³⁹ O município de Ananindeua é localizado na Região Metropolitana de Belém (RMB), o nome originado do tupi, relacionando com a grande quantidade de árvores nativa chamada *Anani* e essa planta serve para a utilização medicinal quanto para calafetação de embarcações e o sufixo *deua*, existe significações populares que vem da ideia de abundância ou “dar”. Após anos de crescimento populacional, por volta de 1943, a região tornou-se município por intermédio do decreto Lei nº 4.505, de 03 de janeiro. Entre os anos 1968 e 1986, por meio de investimentos estimulado pelos Governos Militares e do Governo Estadual do Pará, através da Companhia de Habitação do Pará (COHAB/PA), estimulou a ocupação dentro dos limites do município de Ananindeua, através da construção de conjuntos habitacionais dentro da região, como exemplo, a implantação dos conjuntos Cidade Nova I ao IX, com a finalidade de estimular habitação de servidores públicos e de trabalhadores que começaram a trabalhar nas indústrias e diversos empreendimento implantados na região, ao mesmo tempo, as ADs acompanharam o crescimento e foram implantadas em Ananindeua como: AD Coqueiro, em 1946; AD Congregação do Conjunto Cidade Nova III, em 1980, e no decorrer dos anos 80, diversas denominações assembleianas, foram implantadas na região de Ananindeua e em Marituba (antes de tornar-se município nos anos 1990).

Fonte: PINHEIRO, Karina. Conheça a história de Ananindeua, a cidade que comemora 78 anos de existência. **Portal Amazonia**, 2022. Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/conheca-a-historia-de-ananindeua-a-cidade-que-comemora-78-anos-de-existencia>. Acesso em: 02 jun. 2023. FINGER, Anna Eliza. **Um Século de Estradas de Ferro – Arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957**. Brasília, 2013. 446p. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília – Unb – Brasília. CARRERA, Jackie. **79 ANOS: Conheça a História de Ananindeua desde sua origem**. **Ananews**, 2022. Disponível em: <https://ananews.com.br/noticia/4139/79-anos-conheca-a-historia-de-ananindeua-desde-sua-origem>. Acesso em: 02 jun. 2023.

os sujeitos construíram os fundamentos nos ensinamentos bíblicos, interpretações particulares e conhecimentos da tradição, levando a terem o respeito perante a mesa, desde o preparo dos alimentos e a participação na comunhão.¹⁴⁰

Então, para compreender a modificação na celebração, afetando diretamente a metodologia e o comportamento, utilizarei a metodologia da História oral, para revelar a experiência em relação ao tema pesquisado, podendo fornecer mais do que simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre as impressões da época, comportamentos do grupo ou pessoas, dentro de dogmas religiosos até ao denominador comum humano.¹⁴¹ Podendo compreender e relacionar os comportamentos sociais construídos ao longo dos anos, relacionando as tradições e perspectivas de sujeitos que estão em contato diretamente com o sagrado, e certa forma, consumidores alimentares e participantes da mesa.

2.1. O significado da celebração e dos elementos

O alimento é um dos combustíveis para a manutenção da sobrevivência humana, onde podemos observar a partir do elemento alimentar, para compreender os diversos comportamentos e hábitos construídos, relacionando o nosso olhar do presente para o passado, quanto perceber a construção dos significados pelos sujeitos, conseqüentemente, afeta diretamente o sagrado.

No sagrado, o alimento é um objeto além do ponto de vista e consumo, traz relevância histórica e religiosa. Conforme o pesquisador Alexandre Mendonça da Silva, “o sentido vai além, se relaciona com o que se pensa; um ponto de vista; o que algo representação para um indivíduo ou um grupo; o sentido é mais amplo, transcende e denota um valor, é a relevância que se dá a algo”.¹⁴² Demonstra o sentido do objeto e prática, onde os sujeitos direcionam valores no grupo e representações nos alimentos, afirmando uma relevância para compreensão dos significados.

Sendo assim, será apresentado ao longo das entrevistas, os significados para os assembleianos sobre os elementos, relacionando aos debates historiográficos, utilizando as categorias do Maués, para facilitar metodologicamente os sujeitos inseridos na ritualística e vivência direta no sagrado.

¹⁴⁰ Os sujeitos da pesquisa, foram idosos entre 62 e 87 anos completos. Podendo relacionar a ideia do antropólogo Victor Turner (1974), defende que “os mais velhos assumem a responsabilidade de realizar efetivamente as mudanças prescritas pelos costumes”. E esses sujeitos possuem experiências dentro da realidade inserida e no sagrado, principalmente, muitos desses sujeitos tem um “status” alto para perceber as mudanças estruturais e comportamentais em relação ao presente.

¹⁴¹ Camargo *apud* Alberti, 2021, p. 173. Ver em: ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 3.ed., 6º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁴² Silva, 2015, p. 81.

Começo com o entendimento de Sodré (sacerdote), responsável pela organiza o da celebra o na AD Cidade Nova – congrega o Monte Horebe, localizado numa igreja do bairro do Icui-Guajará e   considerado um dos mais antigos da congrega o quanto do ministério. Nesse relato, traz suas convic es do rito, baseados nas experiências cotidianas e no envolvimento na mesa.

*Para mim... me envolver nisso, eu achei que o respeito era tudo... porque para mim o respeito   a **Santa Ceia**   o maior privilégio que um homem tem na terra,   cercar aquela mesa, fazer parte daquilo. [...] Eu acho, que o homem a maior importância da vida   você fazer parte da dessa mesa. Essa **mesa**, significa o trabalho que Jesus fez na terra, segundo Ele... fazer parte da mesa, Ele pega o pão e disse: “Isto   o **corpo de Cristo**”, como Ele pega o cálice “isso   o **Sangue de Cristo**”. Não   o sangue e nem   o pão, mas   a memória que está passando aí. [...] Bom, o vinho, ele não   um vinho qualquer.   um vinho mais perfeito que tem...   o vinho puro. [...] O pão, porque... ele   igual aos outros, ele só terá o maior valor, pega o valor da memória de Cristo, depois que ele   cortado, colocado na bandeja e orado a parte para a bandeja e aí   consagrado em nome do Senhor e aí que pega o valor direto do corpo de Cristo (Grifo meu).¹⁴³*

Para o pastor Queiroz (sacerdote), atualmente   pastor-auxiliar da AD Cidade Nova, congregado¹⁴⁴ no Templo Central e por muitos anos conduziu trabalhos para a COMIEADEPA¹⁴⁵ como missionário, traz suas convic es sobre o significado da ceia, estabelecendo aspectos interessantes e destacando a perspectiva alimentar, onde ele considera

*[...]o culto de **Santa Ceia**, são um dos melhores cultos. [...] O culto de Ceia, primeiramente,   nós vamos lembrar-nos a morte expiatória de Cristo na Cruz do calvário.   quando a própria bíblia diz, que nós devemos lembrar da morte expiatória, n  [...].   um alicerce que nós traz a Santa Ceia, um alicerce... muito importante para o crente na Terra. Por quê? Porque aí, você vai sair alimentar do **pão e do vinho**. O pão significa o **corpo de Cristo** e o vinho significa  ... significa o **sangue de Cristo** vertido na Cruz do calvário, este   o significado. [...] significa que  ... significa um **almoço ou um jantar para o crente**, aonde o homem e a mulher   o cérebro de Deus, vai participar do pão e do vinho. [...] Para o culto de Ceia deve ser o pão massa fina, aquela bem crocante, massa fina... massa fina. E o vinho...   aquele vinho sem... sem mistura alguma, sem nenhuma mistura, sem álcool, entendeu? Esse   o... chama-se... suco da Videira pura...   próprio para o vinho (Grifo meu).¹⁴⁶*

Os dois relatos, são pessoas diretamente envolvidos nos trabalhos eclesiásticos por anos e compreendem a celebra o, com base na Bíblia Sagrada, trazendo suas concep es particulares sobre o momento e reverência ao sagrado.

¹⁴³ SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023 (Fonte oral).

¹⁴⁴ Participante das celebra es religiosas, onde expressa o respeito e a adora o a uma divindade superior juntamente com uma comunidade de sujeitos, daquela denomina o religiosa.

¹⁴⁵ Significa Conven o Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará.

¹⁴⁶ QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023 (Fonte oral).

Ambos, trazem explicitamente que os dois elementos alimentares é o “pão e o vinho”, como uma identidade articulada e comunhão. O sociólogo alemão Georg Simmel, identifica “o pão com o corpo de Cristo, a ceia cristã foi pioneira ao criar, sobre o chão dessa mística, a verdadeira identidade também daquilo que é consumido, criando assim uma forma muito particular de comunhão entre os participantes”.¹⁴⁷ Ao mesmo tempo, permite que o comer e beber juntos para a socialização da ideia primitiva de produzir a ideia da carne e sangue, permitindo o partilhamento da mesa de Deus.¹⁴⁸ Estabelecendo, uma identidade no consumo desses alimentos simbólicos e exprimem a comunhão e o compartilhamento de ideias e a rememoração sobre o corpo de Cristo, perante uma mesa sagrada.

O simbolismo e a alimentação, “exprimem situações religiosas primordiais, mas que são suscetíveis de modificar seus valores, enriquecendo-se de significados novos e integrando-se em sistemas de pensamento cada vez articulados”.¹⁴⁹ Essas características do simbolismo do pão e o vinho (corpo e sangue respectivamente), demonstra as características da celebração em torno de Cristo, afirmando os valores e significados bíblicos que não podem ser modificados. Contudo, os posicionamentos do “homem religioso”, faz a integração dos pensamentos e interpretação sobre o momento ritualístico alimentar, para que os pensamentos sejam influenciados nos entendimentos e uma memória histórica nos membros da instituição religiosa.

Esses significados em torno da celebração e elementos, sempre possuem um discurso produzido. Tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois polos, que, de certo modo, corresponderiam respectivamente aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”.¹⁵⁰ Pois, existem a forma produzida a partir do livro sagrado, relacionando aos usos e costumes da instituição religiosa dentro do sagrado e ao fato histórico da última ceia de Jesus, podendo caracterizar a forma de celebrar, forma consumir o alimento e o modo de interagir com os elementos e metodologicamente da celebração.

Nessa questão da celebração, um detalhe que chama atenção no relato do Queiroz, traz uma a ideia como um “almoço ou um jantar para o crente”. Podendo utilizar o momento,

¹⁴⁷ SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 33, janeiro/junho de 2004, p. 160. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2218/1357>. Acesso em: 12 dez. 2023.

¹⁴⁸ Simmel, 2004, *Passim*.

¹⁴⁹ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 144.

¹⁵⁰ BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005. P. 131. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422/21738>. Acesso em 12 set. 2023.

como momento de banquetes e alimentos carregados de símbolos específicos, que possuem refeições coletivas tal qual banquetes, especialmente quando são servidos alimentos com forte carga simbólica é que os elas são formadas.¹⁵¹ Demonstrando um grande banquete constituído de simbolismos com perspectivas coletivas, desde a organização ao servir os alimentos, gerando um pertencimento entre os sujeitos.

O termo “mesa” mencionado nos relatos por Sodré é citado diretamente na celebração da Ceia nas ADs. É um espaço para comportar os elementos alimentares, objetos utilizados para celebração e relembração do último momento de Jesus com os discípulos. Esse instrumento/ objeto é um dos espaços privilegiados, onde manifesta diretamente e indiretamente as particularidades culturais e os comportamentos religiosos, levando a participar de um banquete, com o efeito é um sinal de comunhão e identidade, permitido gozar de todas as coisas.¹⁵² A ideia do espaço da mesa é considerado privilegiado, por ter a reunião das diversas classes sociais e comportamentos manifestados e interagidos com os símbolos constituídos na celebração, levando os sujeitos consumirem e a afirmação do pertencimento está na mesa.

O último ponto da análise é o termo “Santa Ceia”, mencionado por ambos, trazendo a ideia de algo santificado. Para a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, esse termo não é utilizado de forma oficializada, pois é utilizado o termo “Ceia do Senhor”.¹⁵³ No relato de Ferreira (não especialista no sagrado), considerado como presbítero, líder local da AD Templo Central e professor no ensino teológico da instituição religiosa, traz a contribuição histórica da ceia e reafirma o termo usado na Declaração de Fé, afirmando

A Ceia do Senhor na minha visão e opinião... corroboro isso aqui pela Declaração de Fé das Assembleias de Deus: “ela é uma ordenança do senhor é uma solenidade é um rito da igreja visível e que instituído como memorial da morte de Jesus até a sua vinda”. Ou seja, a Santa Ceia, a Ceia do Senhor que a igreja celebra, nada mais do que, como se nós estivéssemos

¹⁵¹ SOUZA, Patrícia Rodrigues de. *Religião e comida: como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do homem*. 2014. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. P. 153. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1924/1/Patricia%20Rodrigues%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2023.

¹⁵² Textos utilizados: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. Quarta parte: Os ocidentais e os outros Modelos alimentares e identidades culturais. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da Alimentação*. 6º edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. P. 238-240, *Passim*. KISLINGER, Ewald. Os cristões do Oriente: regras e realidades alimentares no mundo bizantino. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da Alimentação*. 6º edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 244.

¹⁵³ CGADB. *Declaração de Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. P. 74.

*rememorando, conservando na memória a celebração que foi instituída pelo Senhor e que aponta para a vinda do Senhor.*¹⁵⁴

Esse significado construído pelo intelectual, utiliza-se o credo de Fé como fundamento e sustentado pela perspectiva do fato histórico da última ceia, para algo reatualizado na memorialística da morte de Cristo. Fazendo que exista, uma relação de passado e presente, trazendo ao futuro, como forma de “articulação necessária para a preservação histórica do mesmo até os nossos dias por meio de uma práxis ritual em que se exige imaginação, recordação, memória”.¹⁵⁵

2.2. Hierarquia na celebração religiosa

Para poder executar a celebração, não deve ser qualquer pessoa, pois, deve ser alguém envolvido diretamente no sagrado e habilitado para fazer a tal função designada. Dessa forma, existe uma hierarquia eclesiástica estabelecida nas ADs históricas, para fazer determinadas tarefas na celebração da ceia.

Como Pires (sacerdote), pastor-presidente da AD Cidade Nova e considerado uma das principais figuras no meio eclesiástico e convenção de pastores assembleianos do Estado do Pará, atribui a ordem de organização ao

*[...] **pastor** de uma igreja, ou os pastores que podem realizar a celebração da Santa Ceia por escala. Então, dependendo da igreja, pastor é chamado de presidente ou titular ou pastor geral. Ou então pastor escalado. Mas, existem igrejas que são muito grandes no sentido de terem muitas filiais. E nessas igrejas, por causa desses tempos de filiais. Os **presbíteros** da igreja também se tornam responsáveis, já liberados pelo pastor da igreja para que possam ministrar o culto de ceia e a própria ritualística da Ceia. E quanto a distribuição da ceia? Normalmente, a tarefa é dada aos **Diáconos** da igreja (Grifo meu).*¹⁵⁶

Na celebração possui uma ordem, estabelecida historicamente nas ADs e pendurou no decorrer dos anos, refletindo na atualidade nas grandes celebrações da igreja. Nos anos 1959, o sistema de hierarquia cresceu de forma acentuada, para a verticalização de funções eclesiásticas, como forma de promoção e seja vista como uma soma de conquistas cada um dos degraus, comparada a uma escala.¹⁵⁷ Exige uma disciplina do corpo eclesiástico, onde tratam da estrutura hierárquica da igreja, do sistema de direitos e deveres que ela contém, as normas sobre os seminários, a vida e entre outras definições.

¹⁵⁴ FERREIRA, Antônio Carlos. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 8/09/2023 (Fonte oral).

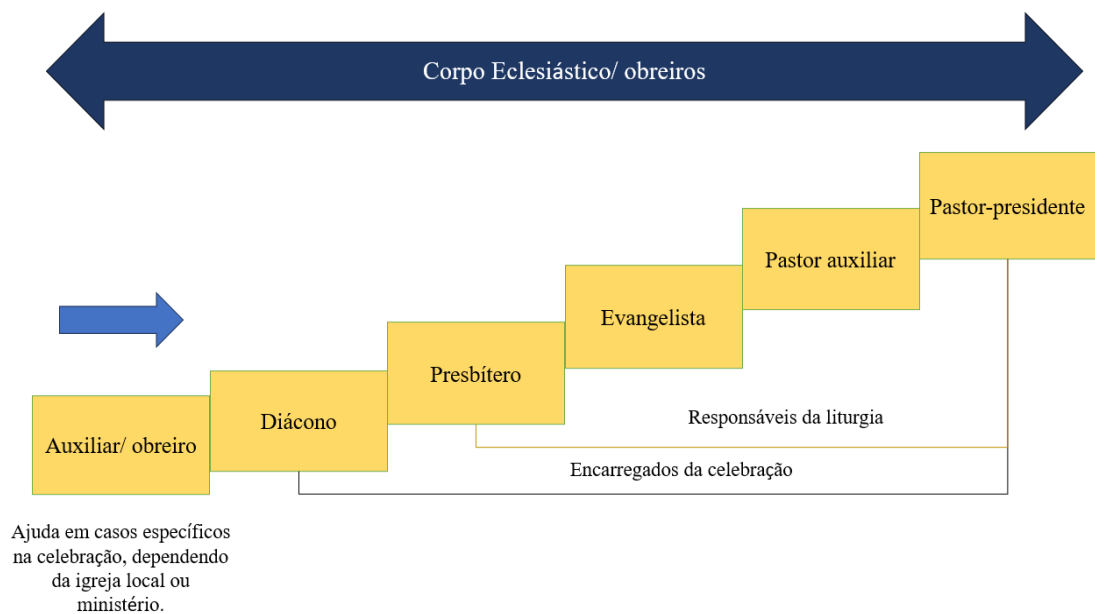
¹⁵⁵ Silva, 2015, p. 87.

¹⁵⁶ PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023 (Fonte oral).

¹⁵⁷ Fajardo, 2019, p. 265-266. Fonte consultada: VASCONCELOS, Alcebíades, P. Algo com Respeito ao Governo Eclesiástico. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 29, nº 21. 1º quinzena de novembro de 1959. p. 2.

Isso reflete diretamente numa celebração da ceia, onde o sujeito envolvido no sagrado, passa por diversos degraus e estágios para poder chegar a ser responsável pela organização da mesa a conduzir o rito histórico perante o público presente no templo religioso. Nas ADs existe uma hierarquia, desde da organização a condução no rito, demonstrando que existe a delegação de tarefas e ordenanças estabelecidas pela convenção geral assembleiana ou igreja local, como apresentado no diagrama e o significado de cada cargo.

Diagrama 1: hierarquia para a celebração da ceia



Fonte: elaborado por Soares (2023).

O primeiro cargo eclesial é o **obreiro** ou conhecido como auxiliar da palavra e ponto de início na carreira ministerial de uma igreja. Considerado “a porta de entrada para o ministério estamental e pode ser considerado uma espécie de “estágio probatório” para o diaconato”.¹⁵⁸ Quando não há o diácono para fazer a distribuição dos elementos em determinada igreja, o sujeito auxilia na montagem da mesa, seleção dos alimentos que serão fornecidos e distribuição dos elementos para os membros participantes da celebração.

O **diácono** possui a responsabilidade em servir na manutenção dos trabalhos do culto quanto física do templo religioso. Nas ADs, a função do diaconato é auxiliar a igreja local, mediante as orientações do pastor em diversas atividades relacionadas ao cuidado dos enfermos e membros afastados, quanto cuidar das tarefas ligadas ao culto, como distribuir os

¹⁵⁸ Fajardo, 2019.

elementos da Ceia do Senhor e auxiliar na ordem e segurança da liturgia do culto.¹⁵⁹ Na instituição religiosa, existe uma “junta diaconal ou grupo de diácono [...], deve ser o trabalho de cuidar de todos os materiais da ceia e inclusive a distribuição”.¹⁶⁰ O diaconato é um cargo com multitarefas nas ADs, principalmente no rito, exercem o cuidado em fazer a manutenção dos utensílios como as bandejas e os cálices individuais, preparo dos alimentos e a distribuição dos elementos para os membros participantes, principalmente, trazer a segurança aos líderes na liturgia do culto ritualístico quanto os cultos aberto ao público.

O **presbítero** conhecido como “ancião” e possui grande responsabilidade em liderar a igreja, conduzir os cultos, celebrações e formação moral e espiritual da igreja local. Considerado como o “braço-direito”¹⁶¹ ou auxiliar do pastor, porém, algumas regiões afastadas da cidade e determinados locais que não possuem pastor, utiliza-se esse “cargo correspondente ao de pastor, onde, na ausência deste, ele desempenha todas as funções pastorais: unge, ministra a Ceia e batiza”.¹⁶² Esse cargo é fundamental na celebração, pois, exerce um papel de pastor/ líder religioso, possui o poder na condução do culto de Ceia e a apresentação do alimento perante a igreja, principalmente, considerado como uma personalidade no meio dos membros, justamente como uma das “pessoas idôneas para auxiliar na administração da igreja local”,¹⁶³ significa com caráter respeitado e teoricamente como uma pessoa com alto conhecimento sobre o livro sagrado.

O penúltimo cargo é o **evangelista**, mesmo não citado diretamente por Pires, é considerado uma representação inventada na história das ADs e não possui relação bíblica.¹⁶⁴ Desempenha como o divulgador “da mensagem pentecostal nos ambientes externos à igreja, no entanto, na prática sua atuação é idêntica ao do presbítero, embora tenha a proeminência sobre ele”.¹⁶⁵ Esse papel do evangelista, é relacionado ao diácono e desempenha as tarefas, inclusive no cuidado a mesa dos elementos, porém, dentro da convenção assembleiana possui poder de voto e na igreja é um ofício de estágio probatório para ocupar o cargo de pastor e na celebração é responsável em conduzir a liturgia juntamente com o presbítero e pastor.

¹⁵⁹ RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas* – 2º trimestre de 2014, p. 88.

¹⁶⁰ PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023 (Fonte oral).

¹⁶¹ Termo usado popularmente como uma pessoa que exerce um cargo importante, tendo ao lado de um líder como um auxiliar solícito e interessado em desempenhar as tarefas.

¹⁶² ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 715-716.

¹⁶³ Renovato, 2014, p. 77.

¹⁶⁴ O cargo é considerado uma invenção assembleiana, pois, é considerado um “estágio probatório” para o pastorado, na qual, desempenha diversas funções que já foram desempenhadas. Para saber mais: Fajardo, 2019.

¹⁶⁵ Fajardo, 2019, p. 279.

Por último, o **pastor** é o cargo máximo no meio assembleiano, peça fundamental para a condução das celebrações religiosas, no ensinamento, aconselhamento e liderança administrativa da igreja local. O papel é múltiplo, pois age como um pregador e ensinador principal dos membros da igreja, onde ocupa uma posição centralizada na questão de aconselhador, psicológico, responsável pelos cultos, administrador do templo e dos sacramentos.¹⁶⁶ Possui a responsabilidade elevada, além de conduzir a celebração da Ceia do Senhor, possui o papel de direcionar os obreiros em executar o momento do rito, selecionar os responsáveis para a distribuição, quanto também fazer a prática de pregação como prerrogativa exclusiva, apresentando e tratar os problemas específicos da igreja.¹⁶⁷

2.3. Recomendações, cuidados dos alimentos e participação perante o sagrado

Na Ceia do Senhor, existem diversas recomendações não-formalizadas em documentações oficiais e baseadas na tradição religiosa,¹⁶⁸ para o desenvolvimento dos trabalhos no sagrado, com base em determinações estabelecidas pela igreja local e livro sagrado do Cristianismo, relacionando a conservação do significado da memória de Cristo quanto os cuidados no procedimento alimentar ao fazer a distribuição aos convidados perante a mesa.

A celebração é carregada de simbologias e práticas em volta de uma mesa, onde envolve a socialização de comidas, crenças e valores.¹⁶⁹ Quanto também, relaciona aos cuidados necessários para fazer no momento alimentar, relacionando aos alimentos e a como será apresentado. Divido em quatro momentos: os cuidados para o servir, quem deve participar, durante a celebração e procedimento pós-celebração, ambos momentos destacando os comportamentos e práticas alimentares.

Em primeiro lugar, o cuidado para servir os elementos, é necessário para ocorrer o momento ritualístico com a segurança e o respeito considerável pelos sujeitos que vivenciaram entre os anos 80 e 90. No relato de Queiroz (sacerdote), é destacado a respeito do preparo para os membros do corpo eclesiástico, antes de ministrar e distribuir os elementos da ceia

¹⁶⁶ Fajardo, 2019, p. 283-285. RENOVATO, Elinaldo. *Dons Espirituais & Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. p. 114.

¹⁶⁷ Cf. Fajardo, 2019. Alencar, 2019, p. 234.

¹⁶⁸ Durante os trabalhos documentais, não localizei nenhuma documentação oficial da CCAGB ou convenção assembleiana do Pará, trazendo os cuidados e procedimentos sobre os alimentos e a mesa de celebração do rito. Porém, narrativas coletadas dos sujeitos idosos que viveram o contexto de pastores ligados aos pioneiros suecos, ajudam a compreender a diversidade de cuidados no sagrado.

¹⁶⁹ Souza, 2014.

*“[...] existia antes, na minha época existia, primeiro um **preparo**. O pastor preparava aqueles obreiros e era colecionados os obreiros para dar a ceia, era colecionado aquelas pessoas que eram preparados para dar a ceia, ele daria um **ensinamento**. O ensino hoje em dia, já não se faz mais nisso... hoje em dia é de qualquer maneira e esse da ceia, meio de qualquer maneira, o tamanho aí do ensino já se foi” (Grifo meu).¹⁷⁰*

Dias antes da celebração da mesa, o “corpo de obreiros”¹⁷¹ eram convocados pelo pastor local ou pastor presidente para uma reunião para alinhamento de organização e “ensinamento” para os obreiros, aqueles que eram selecionados pelos sacerdotes, onde era delegados as tarefas para a montagem da mesa e distribuição dos elementos momento de culto de ceia, principalmente, o momento era também para repassar o ensinamento baseado na Bíblia, como conduzir a celebração relacionando o cotidiano e o caráter libado.¹⁷² Feito o ensinamento, os obreiros tinham que fazer o “preparo” na semana da celebração quanto os membros eram convocados para fazer, onde “[...] a gente tirava para a consagração e jejum, se preparando para fazer essa mesa e tomar a Santa Ceia”, principalmente, a “consagração é você, a Bíblia, a Harpa e o Senhor”.¹⁷³

Nesse preparo era necessário, para que o sujeito possa receber “a qualidade e a natureza dos alimentos, as quantidades consumidas, os modos de preparo, tudo concorre simbolicamente para definir a classe de pertença, “a qualidade da pessoa”.¹⁷⁴ Fazendo com que os obreiros e os membros ao consumirem esses elementos, recebam as representações e simbolismos dos processos da celebração e reconhecer o pertencimento ao ser membro da mesa.

Outrossim, no segundo momento do relato de Queiroz, relaciona os cuidados para servir os alimentos e o preparo dos sujeitos envolvidos na celebração, relacionando ao contexto dos anos 80-90 e ao tempo presente, demonstrando que a

*[...] pessoa que vai servir a ceia. Primeiro, ele tem que ter é... ser muito capaz, muito seguro naquilo que vai fazer, tem que ter uma **segurança**... primeiro, quando vai dar a ceia, você pega o cálice e não deixa muito perto de você, tem que ser afastado, mais ou menos esticar todo o seu braço, para devido ser... dá vontade de espirrar ou alguma coisa é... por falta de **higiene**, se rolar muito muito perto mesmo ao falar é a sua saliva cai num... é higiene.¹⁷⁵*

¹⁷⁰ QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023 (Fonte oral).

¹⁷¹ Utilizo como sinônimo de corpo eclesialístico.

¹⁷² Cf. Renovato, 2014; comentários dos colaboradores feitos e anotados no caderno de campo pelo pesquisador.

¹⁷³ SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023 (Fonte oral).

¹⁷⁴ MONTANARI, Massimo. Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilos de alimentação. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da Alimentação*. 6ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 226.

¹⁷⁵ QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023 (Fonte oral).

Destaco as palavras “segurança” e “higiene”, como pontos que mencionado pelo colaborador e faz a importância para a história da alimentação, entrando na questão de cuidados de saúde e alimentação. Para a manipulação dos alimentos, exige o cuidado de não contaminar os alimentos, pois, quando “um alimento tocado com as mãos está sujeito a uma contaminação bacteriana proporcional ao grau de saúde física e higiene pessoal daquele que o prepara e ao grau de limpeza das cozinhas e da louça”.¹⁷⁶ Os alimentos inseridos é necessário o cuidado para evitar a contaminação e a proliferação de doenças, teoricamente, mantendo a segurança dos participantes e boas maneiras perante a mesa. E nesse momento, o diácono possui o papel importante em cuidar dos elementos, utilizando-se dos protocolos de saúde em relação ao sagrado juntamente com a importância histórica-cristã.

Em segundo lugar, não é qualquer pessoa que deve participar da celebração da Ceia, pois é algo exclusivo de determinada igreja local e quem deve participar é somente os membros e corpo eclesialístico daquele ministério. Na primeira metade da década de 90, existiam determinadas regras de controle para participação numa celebração, pois é afirmado no relato de Ferreira (não especialista do sagrado) que há mais de

[...] 30 anos atrás para ir assim, só participava da Santa Ceia, como até hoje, os membros batizados em água (acho que é até bom e ressaltar esse aspecto não é qualquer, é congregado que participa, não, tem que ser batizado em águas, tá?) para participar da Santa Ceia. E aí sim, eu gostaria ressaltar o que acontecia, antigamente. No culto de Santa Ceia, só entravam os batizados em água. Só participava daquele culto, os membros efetivos e ficava alguém na porta da congregação e perguntavam: você é batizado em águas? Não, você desse culto você não participa... Desse culto era exclusivo para membros da igreja e a portas eram fechadas, janelas fechadas. E somente a membresia participava do culto. Hoje não. Hoje na Cidade Nova, nossas igrejas de um modo geral, todos estão presentes no culto e do pão e do vinho, só participa quem é batizado em águas.¹⁷⁷

Havia uma rigidez para o controle de participação de outras pessoas, justamente, por ser uma celebração exclusiva aos membros da igreja ou ministério e algo inteiramente relacionado ao pertencimento sobre a mesa sagrada. Nesses momentos, “os ritos tornam-se a âncora em que o indivíduo religioso se percebe intimamente comprometido com a divindade, compartilhando e servindo-se dos bens de natureza espirituais ofertados por sua participação ritual em suas comunidades religiosas”.¹⁷⁸ Repassa a ideia de pertencimento àquela mesa,

¹⁷⁶ SORCINELLI, Paolo. Alimentação e saúde. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da Alimentação*. 6ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 604.

¹⁷⁷ FERREIRA, Antônio Carlos. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 8/09/2023 (Fonte oral).

¹⁷⁸ Silva, 2015, p. 65.

fazendo uma relação sentimental com a memória histórica construída, fazendo o sujeito considerar como “a maior importância da vida é você fazer parte dessa mesa”.¹⁷⁹

Além disso, perpassa no momento da celebração, a questão da alta análise individual

*para o homem para fazer a parte dessa mesa, ele tem que examinar a si próprio, assim participa da mesa do pão e do vinho [...], considerando que a gente aprendeu, a gente fala como aprendeu, foi ensinado para cercar a mesa do senhor a gente tem que estar em perfeita situação, não pode com coração [...], se fez assim nem fez.*¹⁸⁰

O relato faz a relação com o ensinamento bíblico recomendado pelo Apóstolo Paulo, baseado 1 Coríntios 11.28-29,¹⁸¹ enfatizando a importância do alto exame da consciência e os sujeitos para participar do rito, fazem o momento de reflexão, como um dos maiores cuidados individuais para a verificação das pendências particulares ou se causou escândalo, desrespeitando o próximo ou algo perante a Deus. Sendo assim, o controle da participação e alta análise numa celebração nas ADs, demonstra a ligação forte com o sacramento, podendo demonstrar a reverência e o cuidado numa participação.

Em terceiro lugar, durante a celebração existem trocas de identidades e representações perante a mesa do Senhor, principalmente, enfatizado o respeito ao sagrado ritualístico. Na celebração existe uma programação, conhecido como liturgia do culto, onde teoricamente é a programação ou roteiro do culto de Ceia, e ao mesmo tempo, contém posicionamentos dos líderes e a identidade dos diversos sujeitos inseridos nos comportamentos. No princípio até a década de 80 para Pires, não se misturava o culto de Ceia, pois era

*só o culto de Santa Ceia, os primeiros louvores, primeiros cânticos, eles já eram voltados para a celebração. E depois, havia uma palavra de ensino ou de pregação, com novos louvores e já entrava o ato de **consagração dos elementos**. Esse ato de consagração, ele normalmente é dividido. Primeiro **consagra o pão**, que é o primeiro elemento a ser ministrado e distribuído para os membros batizados nas águas. E depois dos membros batizados nas águas terem recebido o pão. Aí é apresentado a igreja e **consagrado o vinho**, que vai simbolizar o sangue de Cristo derramado ou que foi invertido ali sobre o Monte da caveira, o Monte calvário. Então, não existe assim um segredo ritualístico no sentido de organização (grifo meu).*¹⁸²

Mediante o relato, podemos compreender como algo organizado e “próprio”, inspirado nas memórias dos momentos bíblicos e a lembrança de Cristo fazendo que essas identidades tenham estratégias e sejam enfatizadas no rito para ser construído na memória

¹⁷⁹ SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023 (Fonte oral).

¹⁸⁰ SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023 (Fonte oral).

¹⁸¹ O versículo cita: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”.

¹⁸² PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023 (Fonte oral).

coletiva das pessoas. Essas identidades e representações, conforme o olhar do outro, “elas circulam, vão e vêm, saem da linha e deriva num relevo imposto”,¹⁸³ fazendo que esses elementos da celebração do culto, tenha estratégias e táticas de sentido para condução das ideias identitárias com o cotidiano dos sujeitos inseridos, formalizando as trajetórias dentro de um pertencimento sobre o momento e o lugar dentro de um sentido no sagrado.¹⁸⁴

Durante a celebração, destacado o momento da “consagração dos elementos” iniciado pelo pão, fazendo a reprodução histórica da mesa de Jesus, onde reparte o pão e faz a distribuição aos discípulos, sendo reproduzida essa característica na reunião. Simboliza fortemente a ação de graças, como um ato de agradecimento/ reconhecimento e para os hebreus é um sinal sagrado das mãos de Deus.¹⁸⁵ Apresentado o pão, é consagrado o vinho, vale o entendimento para os assembleianos a questão do sangue do Calvário e principalmente abençoar e beber para a recordação da aliança que foi estabelecida por Deus com o povo.¹⁸⁶

Essas concepções de narrativas históricas, sobre a consagração na celebração, entrando na lógica do sagrado relacionando a alimentação, faz com que o Cristianismo incorpore essa tradição clássica como algo de atributos e representação da própria divindade.¹⁸⁷ Assumindo um protagonismo desses dois elementos, para além da saciedade do estômago, podendo assumir o papel religioso para a enfatização do simbolismo construído, conforme o livro sagrado, e principalmente, a representação e a prática dos sacerdotes e participantes.¹⁸⁸

E por último, existe o momento após a celebração do rito, sobre a questão da destinação dos alimentos. Pois, existem perspectivas percebidas no trabalho de campo, relacionam aos dogmas do catolicismo e tradição assembleiana dos anos 1940-1980, e nos relatos tiveram conflitos de posicionamentos sobre os alimentos que sobram da celebração ou consumo dos mesmo por terceiros, fora da mesa do Senhor. Apresentarei algumas visões coletadas nas entrevistas, que defendem o consumo do alimento e outros o descarte para evitar o consumo por terceiros ou fora da comunidade.

¹⁸³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3º edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998. p. 97.

¹⁸⁴ Ver em: Certeau, 1988, *loc. cit.*; Eliade, 2008.

¹⁸⁵ FERREIRA, Jonas dos Santos. *A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes*, 2015, 107f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015, 2015.

¹⁸⁶ Ferreira, 2015, p. 21.

¹⁸⁷ Carneiro, 2003, p. 70.

¹⁸⁸ Cf. *idem.*, 2003.

Nos relatos que defendem o consumo, enfatizam desconhecer o procedimento do consumo pós-celebração ou descarte, pois, não existe uma norma oficializada da igreja e orientação da Bíblia sobre as regras sobre os alimentos. Mencionado por Ferreira que desconhece “[...] qualquer orientação bíblica com relação do descarte a esses alimentos da Santa Ceia. Se existe recomendações da igreja quanto a isso, também eu desconheço. [...] Normalmente acontece é que as pessoas acabam construindo”.¹⁸⁹ Como o Queiroz defende, porém, com exceções, pois o

O pastor ou presbítero ou evangelista, podem consumir, ele pode consumir... os obreiros que podem consumir, entendeu? Aqueles que são membros, podem consumir e os que não são membros, não tem participação. Porque, é coisa consagrada... aqueles que são batizados ele pode. [...] pode consumir tranquilamente e não há pecado...¹⁹⁰

Nessas duas perspectivas, há relação favorável para o consumo dos alimentos que sobraram na celebração nesse contexto pesquisado. Pois, relaciono a ideia de que o modelo é feito “as reatualizações periódicas dos gestos divinos, numa palavra, as festas religiosas que voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos”.¹⁹¹ No decorrer dos anos, os sujeitos entenderam que não havia necessidade de descarte ou a inexistência de argumentos sobre o descarte, entendendo algo simbólico à celebração os alimentos. Contudo, permaneceu a ideia no presente, que o consumo deve ser feito entre os membros batizados, flexibilizando esse cuidado específico e a redução do desperdício alimentar.

Já nos relatos que defendem o descarte e a queima dos alimentos, permanece o impasse: “O que fazer com a sobra dos alimentos?”. Para a nova geração de evangélicos, dos anos 90 em diante, conseguem responder o questionamento, utilizando o argumento do desperdício de alimentos e a fome no mundo. Todavia, para os sujeitos que vivenciaram a tradição assembleiana, existe o estigma ao consumir as sobras dos alimentos consagrados como demonstram os dois relatos de Sodré e Pires, respectivamente.

Enterra. Porque ninguém mexe. Porque, o motivo está bem claro... quem come desse pão e bebe desse vinho indignamente, é réu... culpado da morte de Cristo. Depois que o pão, o pão é um pão qualquer, ai depois que ele vai para a bandeja e é orado por ele, muda o expecto. Não é o só pão, está representando o corpo de Cristo. Nessa parte de representar é o nosso cuidado, não é para dar para a criança, nem comer, nem para dar para animais, nada! Enterra!¹⁹²

¹⁸⁹ FERREIRA, Antônio Carlos. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 8/09/2023 (Fonte oral).

¹⁹⁰ QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023 (Fonte oral).

¹⁹¹ Eliade, 2008, p. 78.

¹⁹² SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023 (Fonte oral).

*Quanto a isso, isso é uma questão muito da igreja local. Por exemplo, a maioria das igrejas locais hoje [...] entrega o alimento consagrado ou pão que foi utilizado e entrega para crianças pequenas. Crianças bem pequenas, 3 anos, 4 anos, 5 anos, por entender que as crianças, elas não têm a maldade que os seres humanos adultos têm. [...] Já houve época, quem morava na área de rio, colocava o material, tanto o pão quanto o excedente no rio e já houve época que enterrava o material na terra. [...] Por exemplo, alguém colocasse na comida na farinha, por exemplo, para abençoar, nunca ouvi dizer isso, mas eu não duvido que aconteça. Porque existe aquele chamado misticismo, né? E eu não vou duvidar que alguém teve o misticismo a ponto de guardar o pão.*¹⁹³

Aliás, esse impasse é herdado da Reforma Protestante e muitos crentes de origem católica ainda acreditavam na transubstanciação, levando a dúvida em consumo ou não das sobras dos alimentos.¹⁹⁴ Existindo a ideia, da refeição do tempo e espaço ritualizado, protegidos contra uma desordem sobre os alimentos sacralizados sob o pão e o vinho, demonstrando a presença de Cristo.¹⁹⁵ Significa que os ensinamentos e influências do catolicismo permanecem na mentalidade dos membros, permanecendo a perspectiva do consumo direto do corpo de Cristo sobre os elementos e não poderia ser consumido após a celebração, por pessoas que não participaram do momento da ceia, relacionando a ideia já mencionada do comer indignamente o corpo e o sangue de Cristo.

Quanto ao descarte desses alimentos, trago a ideia de que, no uso desses alimentos, é relevante a questão de transmissão de “informações, pois, no contexto religioso ou fora dele é sempre um vínculo de representação e materializações”.¹⁹⁶ Podendo entender, que esses alimentos são as identidades das representações construídas e imagens materializadas, onde terceiros não devem consumir, por não pertencerem ao grupo. Nessa interpretação no geral, percebemos que diversas visões são construídas com base nos textos sagrados, perspectivas ideológicas, posicionamentos relacionados ao Catolicismo (ideia da transubstanciação) e ritualísticas de experiências vivenciadas em outras religiões, anterior a conversão aos ensinamentos assembleianos.

Em síntese dos argumentos neste capítulo, mediante as entrevistas feitas baseadas na história oral, percebemos uma diversidade de posicionamentos referentes a Ceia do Senhor, com base nas vivências nas décadas de 1980 e 1990. Os sujeitos mais antigos com experiência

¹⁹³ PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023 (Fonte oral).

¹⁹⁴ SERGIO, Mario. A Ceia do Senhor nas Assembleias de Deus - outras histórias. *Memória das Assembleias de Deus*, 1 Fev. 2019. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2019/02/a-ceia-do-senhor-nas-assembleias-de.html>. Acesso: 06 out. 2023.

¹⁹⁵ Ver em: ROSSI, Paolo. *Comer: necessidade, desejo, obsessão*. 1º ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014; FISHLER, Claude. A “McDonaldização” dos costumes. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da Alimentação*. 6º edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 649.

¹⁹⁶ Souza, 2014, p. 4.

de vida, trouxeram particularidades do meio assembleiano sobre o rito, onde particularmente durante os trabalhos de pesquisa e leituras sobre o objeto, não localizei comportamentos registrados em atas institucionais de culto e documentações oficiais, e somente consegui perceber os comportamentos, hábitos e posicionamentos alimentares, mediante a prática metodológica da história oral e a relação de relatos mencionados em sites e blogs de historiadores autodidatas quanto de curiosos pela história das ADs.

Ao mesmo tempo, esses relatos possuem representações e práticas sobre o objeto analisado, pois, assumem um protagonismo “na representação de uma aliança da humanidade com a divindade fundada na comensalidade”.¹⁹⁷ Podendo compreender que a celebração também, possui comportamentos e regras para o funcionamento da liturgia, seguido de ensinamentos bíblicos e construções históricas com base nos ensinamentos de pastores ao longo dos anos, fazendo que o ritual possa servir como “instauradores de disciplinas, de técnicas, de autocontrole que vigiam a mais insidiosa, diuturna e permanente tentação”.¹⁹⁸ Estabelecendo, os procedimentos de cuidado perante a mesa e a seleção de pessoas para participação, mantendo os ensinamentos particulares amparado na Bíblia Sagrada e a memória de Cristo.

¹⁹⁷ Carneiro, 2003, p. 73.

¹⁹⁸ *Idem.*, 2003, p. 74

3. AS MEMÓRIAS COLETIVAS DA CEIA DO SENHOR E A PANDEMIA DE COVID-19, PERMANÊNCIAS E REFLEXOS ALIMENTARES

Os anos 2020 a 2022, foram considerado o período que a humanidade enfrentou uma pandemia da COVID-19, conhecida como coronavírus, levando a mortalidade de mais 700 mil brasileiros que perderam suas vidas, por meio de políticas de negacionismo científico, disseminação das *Fake News* sobre medicações duvidosas e práticas de corrupção envolvendo diversos governadores do Norte ao Sul, políticos do legislativo e executivo federal.¹⁹⁹ Nesse contexto, impactou o campo religioso, levando impactos de adequações nas celebrações religiosas, uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) para a manipulação dos alimentos, modificações de utensílios e hábitos alimentares, comportamentos de cuidados higiênicos, entre outras.

O rito da Ceia do Senhor, encaixa nesse contexto, pois, houve modificações diretas por questão de cuidados de saúde e reduzir ao máximo a contaminação nos alimentos que foram servidos aos sujeitos envolvidos. Ao mesmo tempo, a pandemia forçou mudanças em vários sentidos na ritualística, afetando os costumes na tradição e as experiências da liturgia pentecostal na reunião de fé.²⁰⁰ Levando as autoridades governamentais, fazerem diversas recomendações de saúde sanitária em todos os espaços do sagrado, levando a suspensão dos “cultos religiosos de qualquer fé, em forma presencial, foram suspensos em praticamente todo o território nacional”, levando a reinventar novas formas de celebração e “a criação de artifícios para possibilitar a continuação da comunhão da congregação”.²⁰¹

Nessa celebração, existem permanências de comportamentos e hábitos alimentares que foram construídos ao longo dos anos e consolidado nas décadas 1980-1990 (apresentado no 2º capítulo), porém, a pandemia obrigou a modificar os comportamentos sociais em torno do rito e metodologia do preparo quanto litúrgico, e outros comportamentos dos sujeitos perante a mesa foi exposto no pós-pandemia perante o alimento. Podendo utilizar um termo

¹⁹⁹ Parágrafo baseado nas fontes consultadas: MOREIRA, A; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. *GI*, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 06 out. 2023; BIERNATH, A. 3 anos de pandemia de covid-19: o que esperar da doença daqui em diante no Brasil. *BBC News Brasil*, 11 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cq178kyj3k3o>. Acesso em: 06 out. 2023; SHALDERS, A. 'Covidão' já atinge governos de nove Estados e valor investigado chega a R\$ 1,32 bilhão. *BBC News Brasil*, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53830210>. Acesso em: 07 out. 2023.

²⁰⁰ Cf. JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos. SAÚDE, SIMBOLISMO E FÉ: reflexões sobre a liturgia pentecostal brasileira em tempos de pandemia. *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, Brasil, v. 18, n. 02, e182d05, jul./dez. 2023 - ISSN 1983-2478. p. 8.

²⁰¹ Júnior, 2023, p. 8.

emprestado do historiador Moab Costa, entende que as ADs passaram por um “*aggiornamento* do pentecostalismo”, passando pelas atualizações e modificações no campo religioso pentecostal, influenciando diretamente nos comportamentos, identidades e práticas das igrejas pentecostais clássicas.²⁰² Assim sendo, não utilizarei diretamente o termo “mudanças”, justamente para não considerar a eliminação dos significados bíblicos e simbolismos em torno da celebração, podendo utilizar como sinônimos: reatualizações, modificações e modernização, de acordo com os comportamentos e hábitos da sociedade, inclusive dos assembleianos.

Mesmo com as modificações materiais e comportamentais em virtude da pandemia, ainda permanece na mentalidade dos membros assembleianos a questão da memória coletiva sobre a memória da última ceia e a morte de Cruz, fazendo os sujeitos sentirem pertencidos a mesa do Senhor. Para Maurice Halbwachs, as “nossas lembranças pertencem coletivas e não são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente não vimos. Isto aconteceu porque jamais estamos sós”.²⁰³ Demonstrando que essas lembranças são coletivas e construídas pelo grupo, trazendo os significados desses eventos mesmo não ter presenciado, mas, faz que seja envolvente e emocionante para os vivem na experiência do sagrado e na comensalidade.

Ao mesmo tempo, os sujeitos participantes no ato ritualístico fazem um exercício direto na relação do presente-passado, mesmo que

não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, essa composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se torne em lembrança.²⁰⁴

Mesmo que não tenha testemunhado ou participado do fato histórico-bíblico, o indivíduo que é “assembleiano de berço”²⁰⁵ aprendeu mediante os escritos sagrados e as oralidades repassadas de geração em geração, para compreenderem a importância da celebração. Para que não seja reconstruída a representação do momento de “pedaço por pedaço a imagem” da celebração e seja feito mediante de ensinamentos e “noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros”.²⁰⁶

²⁰² COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. 2º ed., São Paulo: Editora Recriar, 2020.

²⁰³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 30.

²⁰⁴ Halbwachs, 2006, p. 32.

²⁰⁵ Aqueles que cresceram dentro da instituição religiosa e foram ensinados nos dogmas bíblicos e doutrinários de “uso e costumes” estabelecido pela declaração de Fé e tradição assembleiana.

²⁰⁶ *Ibid.*, 2006, p. 39.

Para perceber as memórias sobre o memorial e a pandemia, a continuidade metodológica da história oral, alinhada com as fontes primárias foram fundamentais para a compreensão dos fatos pandêmicos. Podendo apresentar a evidência oral, assumindo as histórias de vida e trazendo à tona o dilema para toda interpretação histórica, podendo ser compreendida como parte da vida num todo.²⁰⁷ Nesse trabalho sobre a ceia e relação a COVID-19, o historiador deve procurar compreender numa entrevista no modo sensível aos relatos e humanista, mesmo confuso os relatos, a partir das pistas que aparecem e podem ser úteis no trabalho de pesquisas aos resultados.²⁰⁸

Nesse capítulo, trago a continuidade dos relatos dos assembleianos que viveram nas décadas de 80 e 90, trazendo a relação dos comportamentos perante a mesa do senhor nesse recorte temporal especificado, relacionando o contexto da pandemia da COVID-19, onde diversos comportamentos foram modificados e apresentou com evidência um *aggiornamento* pentecostal, mesmo com os ensinamentos e a tradição construída ao longo dos anos. Fazendo relacionar a atualidade, os comportamentos modificados no contexto da pandemia de COVID-19, perante o alimento e o sagrado, em torno dos ensinamentos construídos e recomendações estabelecidas.

3.1. O culto na pandemia e a memória coletiva

Nesses quase três anos de pandemia, o medo tomou conta da sociedade brasileira, afetou diretamente a esfera religiosa, levando aos diversos cuidados perante os materiais, os aspectos metodológicos numa celebração e sobre os alimentos utilizados no rito. Ao analisar as documentações eclesiais da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Campo da Cidade Nova, localizada na cidade de Ananindeua, bairro da Cidade Nova, localizei uma documentação oficial do mês de março 2020, apresentando uma resolução sobre as atribuições de cuidados e o funcionamento das atividades religiosas, inclusive as celebrações da ceia.

II – As igrejas com mais de 100 (cem) membros e congregados, poderão realizar dois cultos em horários diferentes: das 17h às 19:00 e das 20h às 21:30.

II – Que todos os Cultos de Celebração de Santa Ceia em todas as Congregações do campo em Cidade Nova, sejam adiados para outra data que será informada pela Secretária Geral da Igreja, através do fornecimento de nova Escala de Revezamento.²⁰⁹

²⁰⁷ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 302.

²⁰⁸ Thompson, 1992, p. 308.

²⁰⁹ RESOLUÇÃO N° 004/2020. Ananindeua-Pa: ADCIN, 2020 (disponível no acervo físico).

Nesse contexto, tomou-se o medo dos sujeitos assembleianos levando ao distanciamento social e como forma de conter a disseminação da doença, foram elaborados decretos na esfera do Estado brasileiro quanto estadual,²¹⁰ justamente, para contenção do vírus. Ao mesmo tempo, inúmeras igrejas e pastores “tiveram dificuldades para abrir mão das reuniões presenciais, uma vez que certas práticas litúrgicas tradicionalmente foram instituídas de maneira coletiva, como, por exemplo, o ritual de celebração da Santa Ceia”.²¹¹ Com isso, o aumento de casos de contaminação e mortalidade de sujeitos, tiveram que suspender as celebrações de caráter presencial.

Em virtude dos casos, as igrejas começaram se adequar, seguindo as normas estabelecidas pelo Estado e foram estabelecidas resoluções internas para o controle da capacidade de participantes nas celebrações religiosas e a suspensão temporária da Ceia, onde possui contato direto com o alimento e humano. Com esse contexto, a pandemia modificou drasticamente o culto de celebração, afetando os comportamentos anteriores e a perspectiva dos anos 80 e 90, e dividi o texto: relembração do fato, comportamento coletivo no culto e a celebração online.

Primeiro momento, a relembração coletiva da morte de Cristo, ao mesmo tempo, tomado pelo medo da contaminação, levou a reatualizações sobre as celebrações adequando ao contexto pandêmico, podendo pessoas construindo coletivamente as memórias da celebração na pandemia. Trago dois relatos, fazendo essa observação no culto de ceia, relacionando antes e durante a pandemia.

De acordo com Pires (sacerdote), a pandemia da COVID-19,

a maior mudança foi prática e material, porque antes a igreja sempre obedeceu a orientação bíblica, antes de distribuir o pão, é apresentado inteiro [...], apresentado a Deus e aí sim é distribuído. Com a pandemia, a maioria das igrejas não partem mais o pão. O que é feito? Durante a pandemia, para não tocar no pão, as igrejas já compravam o “pão” como se fosse um pão partido e embalado, era um pão não fabricado e usado nas padarias. Ai já vinha o copinho com o pão e vinho dentro, até hoje algumas igrejas continuam usando, para não tocar no pão. Ou seja, quem está celebrando ou ministrante ou quem vai conduzir o pão, não tocar [...]. Já trazem o pão partido para o templo, ou seja, alguém lava a mão ou usa o

²¹⁰ Os decretos estaduais foram baseados no decreto Federal. Ver em: BRASIL. *Decreto-lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020*. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Presidência da República Secretária-Geral, Brasília, DF, 6 fev. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/113979.htm. Acesso em: 31 out. 2023.

²¹¹ Júnior, 2023, p. 9.

*álcool aquela coisa toda, ora sozinho ou com alguém e trazem o pão partido. Está foi a maior mudança que já teve.*²¹²

Relaciono a perspectiva do Ferreira (não especialista no sagrado), observou o comportamento anterior e durante o contexto da pandemia, que

*antigamente quer que você via: uma bacia, o pão todo rasgado (não era cortado) numa mesma bacia no mesmo lugar e todos pegam ali do pão [...]. Antes da pandemia, o pessoal começou a cortar o pão, já era cortado com faca e já vinham “quadradinho” numa bacia... não era mais rasgado. O ato de rasgar o pão, está associado com o corpo de Cristo que foi dilacerado. Então essa similitude aí, guarda muita importância para a igreja, quando a igreja vê o partido o pão, hoje, o diácono já não corta mais o pão ali na mesa, já vem lá de dentro pão cortado, a igreja já não tem mais essa percepção de que o pão está sendo rasgado o corpo de Cristo, está sendo ali como que moído, não? Já traz tudo pronto, já tudo cortadinho com faca, ali e tudo no copinho separado.*²¹³

No período antes da pandemia, conforme as experiências históricas relatadas sobre o momento da celebração, os sujeitos antes de participar da ceia, começavam o momento presenciando o “partir do pão”, onde os diáconos ou obreiros, rasgavam o pão para o público presente no templo, na qual, a finalidade era sentir e relembrar a memória da morte de Cristo, fazendo se pertencerem ao ato. Contudo, a COVID-19 fez a modificação, com a introdução de novas práticas e comportamentos que não faziam parte das celebrações como os “copinhos descartáveis”, onde contém o suco da uva e biscoito salgado, totalmente hermeticamente fechado, para poder fazer a redução do contato humano diretamente no alimento e a contaminação de microrganismos.²¹⁴ Sendo assim, as lembranças e permanências históricas sobre a ceia, foram construídas no decorrer da história das ADs, tiveram que ser reatualizadas para que “essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente”.²¹⁵

Significa que os comportamentos e testemunhos que foram construídos nos anos 80 e 90, e principalmente, na pandemia da COVID-19 começou a ser reconstruída “um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-la porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências”.²¹⁶ Podendo relacionar o relato de Pires que destacou o comportamento do “apresentar inteiro e partir o pão”, feito no recorte temporal analisado, existia a ideia de mostrar a igreja dividindo o pão conforme o comportamento de Jesus com os discípulos e a pandemia alterou drasticamente o hábito, levando o uso do copinho e também divergências e

²¹² PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023 (Fonte oral).

²¹³ FERREIRA, Antônio Carlos. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 8/09/2023.

²¹⁴ Anotações feitas no caderno de campo coletada durante as pesquisas e nos relatos orais.

²¹⁵ Halbwachs, 2006, p. 29.

²¹⁶ *Ibid.*, 2006, p. 29.

o reconhecimento dos sujeitos na alteração comportamentais por conta do fato de saúde pública.

O segundo ponto é o comportamento no culto na pandemia, apresentando um reflexo que já havia sido percebido pelos sujeitos assembleianos, anteriormente a pandemia quanto no recorte temporal da pesquisa, onde os diversos comportamentos foram apresentados e modificado pela pandemia. Segundo Queiroz (sacerdote),

*mudou muita coisa, [...] foi mudado o comportamento do próprio ser humano e da própria igreja, também mudou também os hinos cantado, a leitura também foi mudada e muitas outras coisas tiraram. [...] praticamente em todos os comportamentos, comportamento físico, espiritual e material, tudo mudou.*²¹⁷

A partir destes referidos comportamentos, faço a interpretação que é a respeito dos comportamentos e hábitos em torno da celebração, onde o sacerdote relembra a tradição ao servir os alimentos e como se comportava os membros que faziam a celebração (no 2º capítulo é enfatizado esses comportamentos), relacionando aos três comportamentos citados por Queiroz. Maurice Halbwachs, defende que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar segundo as relações que mantenho com os outros ambientes”.²¹⁸ O sacerdote define a mudança com base no lugar de fala e escrita sobre o entendimento ritualístico, podendo relacionar a sociedade, e principalmente, os momentos da celebração ocorridas neste espaço e diversos sujeitos inseridos.

Dentro desses comportamentos, a membra antiga da AD Cidade Nova-Templo Central, professora de Escola Dominical e médica Silva (não especialista no sagrado), percebe sobre os diversos comportamentos durante a pandemia. Descreve que

*via os recipientes com álcool distribuído nas portas de igreja, tudo né? Nas portas de entrada no salão [...], a igreja se posicionou com o uso de máscaras e manter a distância entre as pessoas [...]. A ceia e a pandemia, porque as pessoas usavam suas máscaras e no momento de tomar o vinho e participar do pão, elas baixavam suas máscaras, participavam e traziam suas máscaras de volta pro rosto.*²¹⁹

No início da pandemia, diversos sujeitos assembleianos, não concordavam com a postura adotada de contenção do vírus, ao mesmo tempo, os comportamentos atingidos foram para além da celebração, “apesar de uma rápida adaptação por parte dos pentecostais em período de pandemia, os costumes estabelecidos antes do advento da COVID-19 foram

²¹⁷ QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023.

²¹⁸ Halbwachs, 2006, p. 69.

²¹⁹ SILVA, Maria do Céu da. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 03/11/2023.

reestabelecidos com celeridade”.²²⁰ Mesmo nesse momento de crise sanitária mundial, os assembleianos puderam estabelecer mecanismos de celebração alimentares, para poder participarem e tentar reconstruir “esse ambiente e reconstituirmos ao nosso redor essa atmosfera, por meio de quadros, [...] se volte desse lado para que os costumes modernos repousem sobre as camadas antigas que afloram em mais de um lugar”.²²¹

Quanto ao terceiro ponto, houve um *boom* de cultos e celebrações online para “incentivar” o isolamento social e seguir os protocolos de segurança, estabelecidos pelos decretos do Estado e resoluções das igrejas. Nesse contexto, houve inúmeros cultos online por todo Brasil, inclusive nesta igreja assembleiana em Ananindeua, utilizando as redes sociais como *Facebook*, para aproximar os diversos públicos e principalmente, aproximar a celebração dos fiéis em suas residências e teoricamente cumprindo o distanciamento social. Silva descreve neste contexto que

*[...] a ceia é realmente, ela foi sendo ministrada nos lares. Os pastores distribuíram a ceia nos lares, porque a igreja, ficou algum tempo fechada, né? A igreja ficou algum tempo, no sentido precisar assim quanto tempo, mas, houve um momento que a igreja fechou, os cultos passaram a ser online. Sim, agora eu estou me lembrando. Os cultos passaram a ser online e a ceia passou a ser domiciliar, né? E outra forma de ceia também. As pessoas desses cultos online, as pessoas compravam os seus sucos de uva, seus pães e participavam na sua casa com o seu vinho e com o seu pão.*²²²

As pessoas passaram por um processo de isolamento nos dois anos pandêmicos, conforme o relato da Silva, onde vivenciou um contexto em que coletivamente passamos pelo distanciamento social, e principalmente, os assembleianos tiveram que se readaptar a realidade do “novo normal”²²³, sem descuidar os simbolismos e a memória em volta do rito. Os assembleianos entrevistados, passaram pela experiência do isolamento ou distanciamento social, onde tiveram que ficar com seus familiares, para fazer o momento de ceia e não puderam fazer a “troca de apertos de mão, proximidade entre as pessoas, abraços, dentre outros tipos de contato físico”, ao mesmo tempo, houveram resistências no início pela

²²⁰ Júnior, 2022, p. 12.

²²¹ Halbwachs, 2006, *passim*.

²²² SILVA, Maria do Céu da. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 03/11/2023.

²²³ Termo utilizado durante a pandemia da COVID-19, para referir o estado socioeconômico quando acontece uma crise, levando a modificação e organização dessas estruturas sociais e econômicas, levando a tornar uma estrutura permanente em todas as circunstâncias. Ver em: CASTELLS, M. O digital é o novo normal. *Fronteiras*, mai. 2020. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/o-digital-e-o-novo-normal>. Acesso em: 4 Out. 2023.

manutenção do culto presencial, porém, “os pentecostais conseguiram se adaptar ao uso de tecnologia e continuaram a realizar suas reuniões, porém, no formato virtual”²²⁴

3.2. *Aggiornamento* pentecostal e os hábitos perante a memória da mesa do Senhor

Os hábitos alimentares perante a mesa sagrada, foram modificados pela pandemia e reatualizados os diversos comportamentos, hábitos e metodologias de celebração, afetando diretamente na identidade e práticas, voltadas ao “novo normal” e apresentando algo que já faz parte no meio assembleiano e social. Entra naquela questão, mencionada pelos membros mais antigos em suas memórias individuais quanto coletivas: “no meu tempo não era assim”, naquela ideia de negação sobre os comportamentos atuais no meio do sagrado. Para isso, utilizarei o conceito auxiliar de *aggiornamento* pentecostal, compreende a ideia de que

aqui empregado como uma **atualização e renovação de crenças e práticas das igrejas pentecostais clássicas**, principalmente das ADs, com objetivos específicos de acomodação à sociedade de consumidores, bem como de **manutenção** e crescimento da influência no campo religioso brasileiro em virtude da possibilidade de atrair e fidelizar novos prosélitos – indivíduos dotados de maior autonomia e de maior possibilidade de trânsito religioso proporcionado pela pulverização do campo religioso brasileiro a partir da chegada das igrejas neopentecostais (grifo meu).²²⁵

Resultando-se em que as demandas do mercado e atualizações dentro do pentecostalismo, façam a concorrência dos bens simbólicos e a diversificação das possibilidades dos indivíduos, encontrarem a melhor oferta para adequar as necessidades particulares na sociedade contemporânea capitalista.²²⁶ Neste ponto, fazendo com que a organização religiosa apresente as ideias, crenças e suas práticas, para a organização da identidade, fazendo que possa se reconhecer e ser diferente das outras organizações da mesma natureza, ou seja, construir as representações e a identidade social.²²⁷

E os hábitos e práticas alimentares fazem parte dessas modificações, pois, se adequa as necessidades, na qual, foram renovadas ao longo das décadas e apresentadas com maior evidência na COVID-19, demonstrando “o modo de comer revela a personalidade e o caráter de um indivíduo” e o “modo de alimentar deriva de determinado pertencimento social e ao mesmo tempo revela”.²²⁸ Entrando na ideia de transformação do meio inserido e a apresentação das personalidades na forma de consumo alimentar e os diversos modos que são

²²⁴ CPAD *apud* Júnior, 2022, p.11.

²²⁵ Costa, 2020, p. 23.

²²⁶ Cf. Costa, 2020, p. 210.

²²⁷ *Idem.*, 2020, p. 134; CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. p. 20.

²²⁸ MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. 2º ed. São Paulo: Senac, 2013. p. 125.

pertencidos aos membros que se pertencem a mesa sagrada. Sendo assim, neste tópico apresentarei os *aggiornamenti* no meio do pentecostalismo que afetou diretamente na configuração da mesa sagrada e trouxe em evidência das identidades e os sujeitos perante a mesa.

O primeiro ponto é a configuração da mesa sagrada, considerada o espaço destinado para comensalidade, simbolismos e demonstra a identidade da igreja. Onde “uma comunidade mais ampla: toda confraria, cooperação, associação reafirma à mesa a própria identidade coletiva (...), onde todos são obrigados a dividir a refeição”.²²⁹ Nas celebrações existem características de organização desta mesa, demonstrando o modo e como é apresentada a igreja, enfatizando a descrição e a relação do comportamento do homem religioso em relação ao tempo.²³⁰

No contexto dos anos 80 e 90, a mesa tinha uma característica visual e na pandemia apresentou outra, conforme a descrição de Silva: “se não é uma coisa muito bonita que não existia antigamente. Antigamente era apenas a mesa da igreja que tinha umas toalhas próprias, para serem usadas nesse dia e era posto o vinho e posto o pão e aquilo era coberto”.²³¹ Também o relato do Queiroz, relaciona com a descrição acima: “[...] a bandeja para receber o pão e o cálice para o vinho... e estes são o item... que tem também... uma toalha em cima da mesa, bem tratado, bem coberta para não haver nenhum e cair mosca, essas coisas”.²³²

Nessas mesas de celebração, com base nos relatos e nos documentos oficiais de inventários da igreja, podemos fazer uma descrição sobre a mesa deste contexto pesquisado: eram utilizadas uma toalha de mesa grande para cobrir a mesa, estando nela bandejas de inox para abrigar os cálices de vinho e na outra o pão, em algumas igrejas, o uso de bule contendo água com uma bacia para lavar as mãos e um pano grande para cobrir os alimentos.²³³

No contexto da pandemia e pós-pandemia, a questão da mesa teve que ser modificada a identidade, voltada a ênfase do simbolismo²³⁴ e atenção estética do público

²²⁹ Montanari, 2013, p. 159.

²³⁰ Eliade, 2006, p. 67.

²³¹ SILVA, Maria do Céu da. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 03/11/2023.

²³² QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023.

²³³ Fontes consultadas e analisadas para descrição história da mesa: *Relações de bens da igreja*. Ananindeua, Pa: ADCIN, 1991 (acervo físico). SANTIAGO, José Rodrigues. Rituais da Ceia nas Assembleias de Deus. Memórias das Assembleias de Deus 1 jan. 2014. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2014/01/rituais-da-ceia-nas-assembleias-de-deus.html>. Acesso: 7 nov. 2023.

²³⁴ No decorrer da escrita, não aprofundi a questão do conceito do simbolismo, por focar na questão da perspectiva histórica e principalmente o conceito de “memória coletiva” é o conceito condutor das análises. Porém, apresento a ideia de simbolismo proposto por Clifford Geertz (2008), significa uma concepção de um objeto visível, que remete a uma realidade ou experiência religiosa.

presente nas celebrações quanto aos participantes na modalidade online. De acordo com Silva: “o que houve de mudança que atualmente tu vê. Já é ceia do senhor, com uma **decoreção específica**. Você não via aquela decoreção de vinho, taça com vinho, uva, pão... uma mesa arrumada com uva, com trigo... Um **simbolismo** já vê essa decoreção” (Grifo meu).²³⁵

Para continuar na mentalidade sobre a mesa do Senhor, é necessário incutir na mentalidade dos participantes a questão simbólica, para promover “o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem”.²³⁶ Nessa modernização da mesa, existe a situação de atender os sujeitos que aderem aos comportamentos religiosos que já são os comportamentos construídos e ao mesmo tempo, um alimento na formação do *ethos* e da visão de mundo.²³⁷ Sendo assim, a mesa é um símbolo fortemente reatualizado do sentido físico, porém, na mentalidade do sagrado é constituído pelas atividades conscientes e por experiências irracionais,²³⁸ levando as lembranças coletivas interiores da imagem sacralizado de Jesus e os comportamentos da reverência na mesa constituída de representações.

E o segundo ponto é a diversificação de sujeitos e identidades numa celebração e perante a mesa. No decorrer dos capítulos, foram enfatizados que a Ceia possui influências de ensinamentos, posicionamentos e modificações em diversos aspectos no objeto de estudo, porém, a interferência de sujeitos, características e novas identidades foram fundamentais para as modificações de comportamentos num meio e a consolidação das tradições e ensinamentos. Para Pires, as ADs no geral, inclusive na região de Ananindeua

*foi o tempo de **descobrimto** que a igreja teve da ausência de potenciais, ou seja, já tinha potenciais, mas, é **muito ligado a uma visão ritualística e espiritual**. Em 1970, 80 e 90, parece a ser um choque de 200v na igreja, estou citando em torno de 20 anos, foi o tempo que as igrejas pelo Brasil **adquiriram e começaram** a adquirir prédios para faculdade, algumas igrejas iniciaram o sonho dos hospitais, algumas igrejas compraram emissoras de rádio, algumas igrejas compraram emissoras de televisão. Foi o período que acordou a igreja [...], templos como a estética, uma estética mais agradável, projetos de construção mais estudados, melhorar a oratória... (Grifo meu).²³⁹*

Entra a questão das modificações da mesa voltada a modernidade, atendendo aos sujeitos e as identidades, diversos comportamentos foram consolidados em virtude da

²³⁵ SILVA, Maria do Céu da. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 03/11/2023.

²³⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1º ed. 12º reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 66-67.

²³⁷ Costa, 2020, p. 231-232.

²³⁸ Eliade, 2006, p. 170.

²³⁹ PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023 (Fonte oral).

consolidação comportamental e doutrinária dos anos 70 e 80. A questão do “mundo urbano traz em si os vetores das mudanças, os desejos de transformações e os impulsos para o novo”.²⁴⁰ Apresentou as modernizações e novos objetos de consumo da igreja, para além da ritualística da ceia, na qual, podemos deduzir com base no relato, a denominação começou a ser “transformada por experiências novas, talvez aliviadas de preocupações ou preconceitos antigos, enriquecida com elementos mais jovens, até certo ponto adaptada pois as circunstâncias mudaram – mas é a mesma”.²⁴¹ Essas experiências novas, fizeram a aproximar e também distanciar as pessoas do rito e seu real significado simbólico quanto do ensinamento fundamentado em valores conservadores e da tradição, para focar na materialidade dos bens de consumo, conseqüentemente, levando as pessoas escolherem as memórias da Ceia e selecionando aquilo que querem ser ouvido ou utilizado esses símbolos.

Dentro dessas modificações, a maior evidencia que chamou a atenção nas análises dos relatos é a questão do respeito a mesa, podendo destacar a vestimenta das pessoas, seguido o costume comportamental perante a celebração. Para o Queiroz e Sodré destaca em seus relatos.

Na verdade, foi mudado muitas e muitas coisas, hoje em dia é... a Ceia do Senhor... eu vou usar um texto, foi “banalizado” praticamente, entendeu. Vou usar um texto, totalmente “avacalhado”, porque, naquela época só subia no púlpito quem tivesse no paletó e para dar a ceia, se se não tivesse de paletó e bem trajado não daria a ceia. Segundo os obreiros na época, não andavam de bermuda e eram bem barbeados, cabelo baixinho e todo jeito e não andavam de qualquer maneira não. [...] o obreiro, não andava de qualquer maneira [...].²⁴²

porque agora... não que a Bíblia está mais fácil é o homem que faz, nós que mudamos. E isso não é preciso, isso não faz mal... Teve e entrou na igreja, uma palavra: isso não faz mal, acabou com a regalia da igreja acabou! Hoje não, tá tudo fácil. No tempo que aceitei a Jesus, não podia usar bermuda, não podia andar sem camisa, e assim, o respeito era muito.²⁴³

Nestes dois relatos, destacam a questão comportamental modificada, envolvendo os sujeitos religiosos quanto o corpo eclesiástico (obreiros), onde o comportamento na vestimenta para os entrevistados foi mudado. Entramos na questão de “uso e costumes” dentro da denominação religiosa, enfatizando a questões das vestimentas dos membros e para ser difundida uma identidade e da tradição a ser seguida, representando “um tipo específico de

²⁴⁰ Costa, 2020, p. 209.

²⁴¹ Halbwachs, 2006, p. 89.

²⁴² QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023.

²⁴³ SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023.

resistência à modernidade representada pelo urbano”.²⁴⁴ Dessa forma, numa celebração da ceia, penetra a ideia de um modelo ideal e doutrinário nos membros, onde inclusive numa celebração as mulheres eram proibidas de usar maquiagens, joias e calça comprida e para os homens a proibição das barbas grandes, bermudas e shorts, como forma de fugir do “mundo” e manter a “santidade”.²⁴⁵

Contudo, comparando os anos da vivência dos entrevistados à atualidade, houve *aggiornamento* de grandes proporções, levando a alterações significativas perante a mesa do Senhor. Podendo relacionar essas questões da vestimenta, que eram enfatizadas durante os “cultos de doutrina” quanto na “celebração da Ceia”, eram introduzidas na mentalidade dos membros como doutrinas bíblicas, trazendo o comportamento a ser feito em todas as esferas da vida sobre as lentes da interpretação das normas e tradições construídas no meio assembleiano, fazendo que esses membros antigos fizessem a guarda desses costumes como sinal de santidade e reverência perante a celebração alimentar.²⁴⁶

Sendo assim, os entrevistados mais antigos desta igreja analisada, puderam destacar no entendimento particular e experiências no meio do sagrado alimentar, diversos entendimentos das modificações no meio da celebração, para além da alimentação, podendo tanto relacionar as características da mesa quanto características das pessoas participantes, em que apresentavam diferentes comportamentos, desde a vestimenta até identidades e hábitos.

²⁴⁴ Fajardo, 2019, p. 322.

²⁴⁵ Cf. Fajardo, 2019.

²⁴⁶ Ver em: Fajardo, 2019; Alencar, 2019, p. 292-293.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos trabalhos de pesquisa, procuramos compreender os diversos comportamentos, entendimentos e ensinamentos em torno dos elementos alimentares e a celebração da Ceia do Senhor feita na igreja AD Cidade Nova em Ananindeua, conforme as documentações institucionais e o uso da História oral dos membros mais antigos, intelectuais e corpo eclesiástico, seja nas representações e práticas culturais construídas pelos sujeitos, significados construídos em torno da mesa, as memórias coletivas baseado na última ceia de Cristo, seja também pelas modificações que apresentaram com evidencia na pandemia da COVID-19. Buscando entender as perspectivas sobre a ritualística alimentar que foram modificados ao longo dos anos, especificamente os anos 1980 e 1990, ao mesmo tempo, a pandemia revelou-se ou enfatizou o que existia nestas características existentes, de acordo com a memória coletiva dos membros desta igreja.

Houve uma grande problemática que pendurou a pesquisa, a questão dos valores conservadores em volta na tradição assembleiana sobre o rito, onde foi bastante questionado pelos sujeitos entrevistados no contexto a partir dos anos 80, os diversos comportamentos perante a celebração quanto os hábitos alimentares eram distintos em comparação com a atualidade e para perspectiva deles, existia aquele comportamento da reverência na mesa do Senhor.

Durante o texto, foi exposto que a celebração da ceia, envolvendo os significados e dos símbolos bíblicos não foi alterada, pois, foi conservado pelos membros os diversos ensinamentos doutrinários. Contudo, a modificação foi em relação as representações e práticas envolvendo os comportamentos, hábitos dos sujeitos e as metodologias, desde do preparo, organização da mesa, celebração à pós-celebração. Visto que os diversos ensinamentos, contidos na mentalidade dos membros, foram percebidos nos trabalhos de campo, onde os assembleianos definiram os comportamentos e práticas na celebração, usando a ideia do presente para o passado, relacionando os ensinamentos bíblicos quanto da tradição que foram repassados anterior aos anos 80 e foi consolidado neste contexto, fazendo as diversas descrições e características do momento da celebração e o entendimento particular.

Outro ponto nos trabalhos é a ceia no contexto da pandemia da COVID-19. Para o leitor que fez uma leitura rápida, ficou confuso na relação deste contexto com o recorte temporal da pesquisa. Então, partindo do pressuposto deste contexto, defendo que a pandemia da COVID-19 apresentou diversas modificações referentes a ceia do Senhor, fazendo um *aggiornamento* e esse termo foi utilizado para compreender a questão dos comportamentos, identidades, hábitos e as modificações no meio assembleiano sobre a memória coletiva da

ceia, para atender as demandas da sociedade capitalista e pentecostal, ao mesmo tempo, na acomodação de diversos costumes e valores na denominação religiosa. Dessa forma, com base nos resultados, houve a mudanças na mentalidade e hábitos perante a mesa, e a pandemia fez com que apresentasse os reflexos das modificações em torno da mesa e dos diversos ensinamentos conservadores construídos nos anos 80.

Portanto, o tema juntamente com o objeto de estudo, é abrangente em análises, interpretações, métodos de trabalhos históricos e entre outros que possibilitam o historiador e pesquisadores interessados na temática, aprofundarem em questões de gênero, comportamentos, discursos dos líderes eclesiais, hierarquias religiosas, hábitos alimentares, simbolismos, silenciamento de determinados discursos religiosos, práticas, entre outras questões caras para a historiografia e humanidades.

Trazendo para o âmbito das ADs, qual é a relevância do tema para o meio da historiográfica quanto para o meio social? Ao pensar nesta pergunta, foi o maior desafio como pesquisador em trazer esse debate para a universidade, pois, existe o estigma em trazer um debate religioso para academia e o preconceito de diversas pessoas quando é tratado em pesquisar sobre as denominações religiosas evangélicas, por ter a ideia de que não existe a questão da intelectualidade no meio pentecostal e principalmente, consideram aquela concepção dos sujeitos como povo ignorante. Contudo, trouxe esse debate para apresentação de análise historiográfica e amparada em documentações históricas, enfatizando o lugar das crenças e a permissão de definição de cada grupo para diferenciar dos outros.²⁴⁷ Demonstrando, a importância desses saberes e das crenças para análise historiográfica, para ser mais um objeto de estudo dos historiadores e campo da história da alimentação e das religiões.

²⁴⁷ Certeau, 1982, p. 36.

FONTES

ARAÚJO, Isael de. *José Wellington - Biografia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

Bíblia de Estudo do Expositor. SWAGGART, Jimmy. 2º ed. 2015.

Bíblia de estudo Arqueológica NVI. SAYÃO, Luiz. 1.ed. São Paulo. Editora Vida, 2013

CGADB. *Declaração de Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

CALVINO, João. *As Institutas – Volume 4*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

DANIEL, Silas. *História da convenção geral dos ministros das igrejas evangélicas Assembleias de Deus no Brasil*. 2º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2022. E-book.

Documentação da Assembleias de Deus Campo da Cidade Nova, ADCIN: Ananindeua-Pa, 1980-2022. Acervo físico.

RENOVATO, Elinaldo. *Dons Espirituais & Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário (comentário bíblico)*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

SANTOS, Roberto José. (Org.). *Assembleia de Deus em Abreu e Lima - 80 Anos: síntese histórica*. Abreu e Lima: FLAMAR, 2008.

SOUZA, Benjamin de. *História Centenária da Assembleia de Deus: edição comemorativa*. Belém: [s.n.], 2011.

SANTOS, Roberto dos Reis. *A Santa Ceia*. 1º edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

VINGREN, Ivar. *O Diário do Pioneiro: Gunnar Vingren*. 5º edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

Jornal Mensageiro da Paz, CPAD: Rio de Janeiro, 1930-2014. Disponível em: <https://mega.nz/folder/OdNyQIqI#6WIOSrdHvznzowSgXnhGNQ>. Acesso em 20 set. 2022.

FONTES ORAIS

FERREIRA, Antônio Carlos. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 8/09/2023. 51 minutos e 6 segundos.

PIRES, Jaime Fernandes. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 13/09/2023. 1 hora e 7 minutos e 6 segundos.

QUEIROZ, João Batista. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 29/08/2023. 47 minutos e 35 segundos.

SODRÉ, José Mendes de Araújo. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 11/08/2023. 47 minutos e 53 segundos.

SILVA, Maria do Céu da. Entrevistado pelo pesquisador Elber Soares em 03/11/2023. 33 minutos e 57 segundos.

SITES

AGUIAR, Robson. *A Santa Ceia, a hermenêutica e a exegese bíblica: O que acontece quando a hermenêutica e a exegese são ignoradas?*. *Seara News*, 2021. Disponível em:

<https://www.searaneews.com.br/a-santa-ceia-a-hermeneutica-e-a-exegese-biblica/>. Acesso: 01 jun. 2023.

SERGIO, Mario. A Ceia do Senhor nas Assembleias de Deus - o uso do cálice. *Memórias das Assembleias de Deus*, 28 jan. 2019. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2019/01/a-ceia-do-senhor-nas-assembleias-de.html>. Acesso: 01 jun. 2023.

SERGIO, Mario. A Ceia do Senhor nas Assembleias de Deus - outras histórias. *Memórias das Assembleias de Deus*, 1 Fev. 2019. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2019/02/a-ceia-do-senhor-nas-assembleias-de.html>. Acesso: 25 ago. 2023.

SANTIAGO, José Rodrigues. Rituais da Ceia nas Assembleias de Deus. *Memórias das Assembleias de Deus*, 1 jan. 2014. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2014/01/rituais-da-ceia-nas-assembleias-de-deus.html>. Acesso: 25 ago. 2023.

SERGIO, Mario. O Aggiornamento do Pentecostalismo. *Memórias das Assembleias de Deus*, 2018. Disponível em: <https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2018/02/o-aggiornamento-do-pentecostalismo.html>. Acesso em: 12 nov. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 3.ed., 6^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ARAUJO, Israel de. *História do movimento pentecostal no Brasil: O caminho do Pentecostalismo Brasileiro até os dias de hoje*. 1^o ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011*. São Paulo: Recriar, 2019.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BASSANEZI, Maria. Registros paróquias e civis: os eventos vitais na reconstrução da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. 1. Ed., 5^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

BORN, A. Van Den (et al). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. 7^o reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. E-book.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3º edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.
- COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. 2º ed., São Paulo: Editora Recriar, 2020.
- CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: Ministérios, carisma e o exercício do poder*. 3º ed. São Paulo: Editora Recriar, 2020.
- DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festa*. São Paulo: Paulus, 2004.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. 2º ed. São Paulo: Editora Recriar, 2019.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da Alimentação*. 6º edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- FERREIRA, Jonas dos Santos. *A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes*, 2015, 107f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.
- FISHER, R. H. Comentário no livro de Lutero. In: LUTERO, M. *Obras selecionadas – debates e controvérsias*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- GONZÁLEZ, J. L. *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GONZÁLEZ, J. L. *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do Cristianismo. A era dos dogmas e das dúvidas*. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1º ed. 12º reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. 6º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém*. 8º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos. SAÚDE, SIMBOLISMO E FÉ: reflexões sobre a liturgia pentecostal brasileira em tempos de pandemia. *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, Brasil, v. 18, n. 02, e182d05, jul./dez. 2023 - ISSN 1983-2478.
- KLEIN, Carlos Jeremias. *Os sacramentos na tradição na tradição reformada*. São Paulo: Fonte editorial, 2005.

- LUCA, Tania Regina de. *Práticas de Pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2020.
- LOPES, E.P; FERNANDES, J.V da C. *Santa Ceia: uma das mais significativas controvérsias entre os reformadores Lutero, Zwinglio e Calvino*. Ciências da Religião – História e Sociedade, v.6, n°2, 2008. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/424/250>. Acesso em: 09 Ago. 2023.
- MATHISON, Keith A. A Ceia do Senhor. In: BARRETT, Matthew. *Teologia da Reforma*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. 2° ed. São Paulo: Senac, 2013.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1995.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2° ed., 4° reimpressão, São Paulo: Contexto, 2015.
- OLIVEIRA, Isabela Costa de. *Frida Vingren – a pioneira silenciada: uma análise do ministério eclesialístico feminino nas Assembleias de Deus no Brasil na primeira metade do Século XX*. Orientadora: Rosinda da Silva Miranda. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2022. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/3794>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- REINKE, André Daniel. *Aqueles da Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- ROSSI, Paolo. *Comer: necessidade, desejo, obsessão*. 1° ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- REIS, Lívia [et al.]. *Dicionário para entender o campo religioso: volume 1*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Estudos da Religião, 2023.
- SILVA, Marcos Manoel do Nascimento. Pão e vinho: representação e simbolismo entre os protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais em Paulo Afonso – BA. Artigo monográfico (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/6530>. Acesso em: 09 Set. 2022.
- SILVA, Alexandre Mendonça da. *A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito símbolo e produção de sentidos*, 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7871?locale=pt_BR. Acesso em: 07 Ago. 2023.
- SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n° 33, janeiro/junho de 2004, p. 159-166. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2218/1357>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

ANEXOS

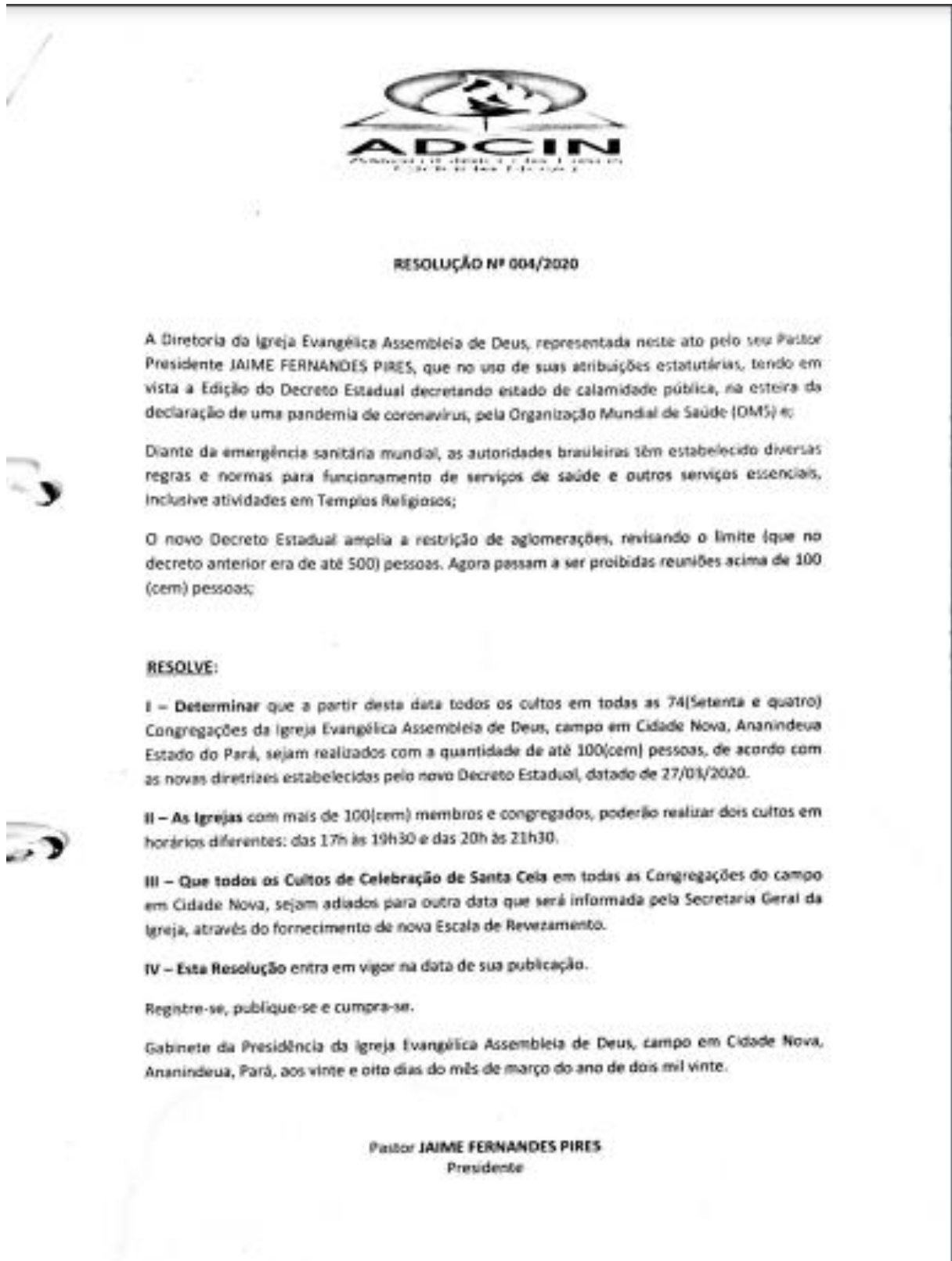

Imagem 1: Resolução sobre o procedimento dos cultos nas igrejas no ano de 2020.

Imagem 2: Relação de materiais e objetos da igreja, meados dos anos 1990.



"Igreja Evangélica Assembleia de Deus"

Rod. Coqueiro Tapanã, 2549 — Fone: 235-1773
CGC 15.752.694/0001-94 — CEP 67.000
Ananindeua - Pará

RELACÃO DOS BENS MATERIAIS DA IGREJA
CONGREGAÇÃO: _____
ANANINDEUA-PA. ____/____/____

Obs: Certo fidei-juramentado da igreja da bens.

ITEM	DESCRIMINAÇÃO DOS BENS	QUANTIDADE	BOM	RUIM	ÓTIMO
01	Amplificador 500w - ciclotron	01	X		
02	Armário	03	X		
03	Ar Condicionado				
04	Banco de Madeira	75	X		
05	Bandeiras (Brasil, Pará, Outras)	02	X		
06	Bandeja	14			
07	Bule Santa Ceia	04			
08	Bandeja Cálice Santa Ceia	06			
09	Cadeira de Madeira	11	X		
10	Cadeira (assento plástico)	22			
11	Cálice Ceia	372			X
* 12	Cortina	02	✓		
13	Caixa Amplificada (som)	01	X		
14	Estandarte de Púlpito	02			
* 15	Flores P/ Ornamentação	20 arranjos			
16	Equalizador de Som	-			
17	Lâmpada Comum				
18	Lâmpada Florescente	41	X		
19	Máquina de Escrever	01	X		
20	Máquina de Calculadora	01			
21	Mesa de Som	-			
22	Mesa de Madeira	04	X		
23	Microfone SONY PROF.	02			
24	Pedestal	02			
25	Projektor 750 W	01			
26	Relógio de Parede	02	X		X
27	Salva de Oferta	03			
28	Toalha de Mesa	03			

27 = Doados 02 p/ Getsemani (eram 05)

Imagem 3: Relação dos bens materiais nos anos 1991.

Igreja Evangélica Assembléia de Deus

Congregação Cidade Nova III SN - 6 n.º 100
 Campo de Coqueiro
 C E P 67.000 — Ananindeua - Pará

RELAÇÃO DOS BENS MATERIAIS DA IGREJA

CONGREGAÇÃO: Conjunto Cidade Nova III

Data da Preparação do Relatório: 31 de Agosto de 1991.

OBS: " C " Estado de Conservação. Colocar B: Bom - R: Regular ou P: Precário

ITEM	DESCRIÇÃO DOS BENS	" C "	QUANTIDADE
01	- Amplificador (90 WATTS)	B,P	02
02	- Armario de compensado	B	02
03	- Balcao de Madeira em mogno	B	01
04	- Banco de Madeira Padronizados	B	75
05	- Bandeira do Brasil e do Para, 01 de cada	B	02
06	- Bandeja em aço Inox	B	09
07	- Bule de Ceia em aço Inox	B	04
08	- Cadeira de Madeira padronizada de Pulpito	B	11
09	- Cadeira de Plastico	B	45
10	- Calice de Ceia	B	341
11	- Cortina com bandor (completa)	B	02
12	- Estandarte de Pulpito	B,P	02
13	- Flores Plasticas	R	50
14	- Lampadas Comum	B	06
15	- Lampada Florescente	B	48
16	- Máquina de Escrever Manual	R	01
17	- Mesa de Madeira	B	04
18	- Microfone	B,P	05
20	- Pedestal para Microfone	R,B	04
21	- Caixa amplificadas	P	03
22	- Relogio de Parede	B	02
23	- Salva de Oferta	B	05
24	- Toalha de Mesa grande e pequena	B,R	08
25	- Vaso de Louça	B	05
26	- Ventilador de Parede	B	02
27	- Ventilador de Teto. Obs, 02 na escola	B,R	15
28	- Ventilador de Pe	B,R	02
29	- Tapetes: grandes e pequenos	B	04
30	- Jarra de Vidro com 03 Copos + Bandeja	B	01
31	- Força Amplificada de 400 WATTS stereo	B	01
32	- Mesa de Som C/ 8 canais	B	01
33	- Quadro de Aviso padronizado	B	02
34	- Caixa Acústica Padronizada	B	06
35	- Jogos de Passadeiras	F,B	02
36	- Porta Biblia com a Biblia de Pulpito (01)	B	01
37	- Carro de Mão	P	01
38	- Enxada	R	01
39	- Ancinho	R	01
41	- Bacia Plastica	B	02
42	- Cadeira de Madeira Comum	R	02
43	- Filtro de Parede (na Escola)	R	01
44	- Quadro Verde	R	01
45	- Violão	R	01
46	- Escada de 7 degraus	B	01
47	- Banco de Madeira Comum	B	10
48	- Pulpito Portatila	B	01
49	- Mesa de Pulpito	B	01
50	- Garrafão Termico	P	01

DIRIGENTE DA CONGREGAÇÃO = _____

PRESBITERO DO GRUPO: _____

Imagem 4: Edital de convocação para Assembleia Geral em fevereiro de 2020.



APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de autorização de imagem e depoimento oral.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

Eu, XXX, estado civil XXXXXXXXXXXXXXX, RG XXXXXXXXXXXXXXX, esclarecido sobre os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador **Elber Levy Teixeira Soares**, graduando em História pela Faculdade de História – FAHIST da Universidade Federal do Pará, o uso da minha imagem e depoimento oral na pesquisa, publicação científicas, eventos científicos (âmbito local, nacional e internacional) e uso como documentação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **“AS MEMÓRIAS DA CEIA DO SENHOR: o entendimento alimentar e ritualístico dos assembleianos de Belém e Ananindeua do Tempo Presente”**, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, estou ciente da finalidade das entrevistas gravadas e imagens feitas no dia ____ de _____ de 2023, para uso integral ou em partes, sem restrições de prazo e limites, para fins científicos em favor do pesquisador, acima especificado. Da mesma forma, autorizo a guarda e controle da universidade, sobre a entrevista e o uso por terceiros.

Por ser a expressão da minha vontade, assino o termo de autorização, cedendo, todos os direitos autorais dos depoimentos e entrevistas fornecidas por mim, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei nº 9160/98 (Legislação dos Direitos Autorais).

Ananindeua, ____ de _____ de 2023

Assinatura do pesquisado(a)

Assinatura do pesquisador

Apêndice 2: Roteiro de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS ANANINDEUA
 FACULDADE DE HISTÓRIA

Dados Gerais do Entrevistado

Dados do projeto

Nome: AS MEMÓRIAS DA CEIA DO SENHOR: o entendimento alimentar e ritualístico dos assembleianos de Ananindeua do Tempo Presente.

Pesquisadores responsáveis:

Discente: Elber Levy Teixeira Soares

Orientadora: Professora Dra. Sidiana Macedo

Co-Orientador: Maxwell Pinheiro Fajardo

Instituição: Universidade Federal do Pará

Entrevistador:

Tipo de entrevista:

Local:

Duração da entrevista:

Dados do cooperador/ entrevistado

Nome:

Data de Nascimento:

Naturalidade:

CPF:

RG:

Órgão de expedição /Estado:

Endereço:

Escolaridade:

Profissão:

Igreja:

Tempo como membro da denominação:

Cargo na igreja:

Telefone:

Roteiro Geral de Entrevista

- Identificação
- Experiencias particulares

- Experiências na ritualística
- Significado da Ceia
- Importância da celebração
- Elementos utilizados
- Existência de uma liturgia específica
- Quem pode participar
- Metodologia de distribuição
- Finalidade da consagração
- Preparo e organização da celebração
- Modificações comportamentais em relação aos anos 80 e 90, relacionando ao presente.

Perguntas (possível adequação, dependendo da entrevista)

1. Como foi a sua trajetória pessoal, desde da juventude até chegar a ser pastor-presidente?
2. Sobre as experiências vivenciadas durante a juventude. O que levou a ser pastor e buscar o conhecimento sobre os significados da ritualística?
3. Para o senhor, o que é o culto da Ceia do Senhor? Qual é a perspectiva de base teológica/ bíblica, sustentado para a realização da celebração nas Assembleias de Deus?
4. Qual é a importância do rito para a fé cristã protestante?
5. Ao pensar nos alimentos da Ceia: é usado o pão? Qual tipo de pão? E o vinho é utilizado ou outra bebida representada, por qual motivo?
6. Quais são os significados dos elementos citados sobre a Ceia do Senhor, do pão e vinho?
7. Quantas vezes é celebrado a Ceia?
8. Existe uma liturgia específica? E como funciona?
9. Quem são os responsáveis para ministrar a celebração da Ceia? E para fazer a distribuição dos elementos?
10. Qual é a finalidade da consagração dos elementos, antes do consumo? E esses alimentos ganham outro significado após a apresentação da consagração?
11. Os alimentos consagrados quando sobram, podem ser consumidos? Qualquer pessoa, pode consumir?

12. Os membros da congregação ou denominação: quem é apto para participação da celebração da Ceia do Senhor? Qual é a base bíblica utilizada?
13. Nos anos 80 e 90, contexto da consolidação da tradição assembleiana. Como eram os comportamentos dos membros perante a mesa do Senhor?
14. Como esses membros poderiam participar da celebração?
15. Como era o preparo das pessoas (questão espiritual/religioso e corpo), para participar da celebração?
16. Na atualidade, como é a celebração em comparação aos anos 1980 e 1980?